

Cláudia Almeida Moreira da Silva

**Periodismo protestante:
os primeiros 50 anos do “Portugal Evangélico”**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2022

Cláudia Almeida Moreira da Silva

**Periodismo protestante:
os primeiros 50 anos do “Portugal Evangélico”**

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2022

Cláudia Almeida Moreira da Silva

**Periodismo protestante:
os primeiros 50 anos do “Portugal Evangélico”**

(Cláudia Almeida Moreira da Silva)

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa, como parte dos requisitos para obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação, sob orientação do Professor Doutor Jorge Pedro Sousa.

Sumário

A presente investigação procura ser um contributo para a história do jornalismo em Portugal, através do estudo do percurso e identidade da publicação periódica *Portugal Evangélico*, um caso único de longevidade centenária na imprensa protestante em Portugal. Para o efeito, dedicamo-nos ao estudo dos primeiros 50 anos de publicação do periódico, entre 1920 e 1970, através da recolha e sistematização de dados, adotando como abordagem metodológica: a análise documental dos exemplares publicados durante a janela temporal em estudo e análise descritiva de discurso, em paralelo com a revisão bibliográfica. Os elementos em análise foram estudados, diacrónica e, em momentos de transição, sincronicamente. Desta investigação resultou uma abordagem atenta de uma publicação religiosa protestante – ela própria referência e fonte em estudos académicos e outras no campo da História – através de: a) identificação de fatores de continuidade e permanência da publicação; b) constituição de um conjunto de informação estruturada e relacionada sobre as edições do PE neste período; c) identificação de fontes primárias e documentos pertinentes para a história do jornalismo evangélico; e d) a identificação e reunião de documentos pertinentes para o estudo do discurso sobre jornalismo evangélico. Desta forma, acrescentando informação e conhecimento para estudos futuros numa área de investigação ainda pouco explorada como é a da imprensa protestante no contexto português, apesar da existência de um número crescente de estudos publicados na última década.

Palavras-chave: História do jornalismo; Protestantismo; Jornais centenários; Imprensa religiosa; Portugal Evangélico;

Abstract

This research seeks to be a contribution to the history of journalism in Portugal, through the study of the journey and identity of the periodical *Portugal Evangélico*, a unique case of centenary longevity in the Protestant press in Portugal. For this purpose, we focused on the study of the first 50 years of publishing of the periodical, between 1920 and 1970, through the collection and systematisation of data, adopting as methodological approach: the documental analysis of the issues published during that time frame; and the descriptive discourse analysis, in parallel with bibliographical review. The elements under consideration were studied diachronically and, in moments of transition, synchronically. This research provided an exhaustive overview of a Protestant religious periodical – in itself a reference and source for academic and other studies in the field of History – through: a) the identification of factors of continuity and permanence of the publication; b) the constitution of a set of structured and related information on the editions of the EP in this period; c) the identification of primary sources and documents relevant to the history of evangelical journalism; and d) the identification and gathering of documents relevant to the study of the discourse on evangelical journalism. In this manner adding information and knowledge for further studies in a still under explored field of research such as the Protestant press in the Portuguese context, despite the existence of a growing number of studies published in the last decade.

Keywords: History of journalism; Protestantism; centenary newspapers; religious press; Portugal Evangélico

Ao Futuro.

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Jorge Pedro Sousa, pela generosidade, apoio, atenção e olhar sábio e claro na orientação deste trabalho;

Ao Rev. Jorge Barros, ao Bispo Emérito Ireneu Cunha, pela herança dos seus escritos;

Ao Ferrando Silva pelo importante e essencial trabalho diligente de digitalização, que tornou possível este trabalho,

Ao meu avô Timóteo e ao meu bisavô Adelino de Almeida pelas Letras e pelo exemplo;

À minha mãe, companheira de vida, na permanência e na continuidade,

À minha família, por confiarem nas minhas capacidades, ao Delfim pela presença.

À Helena, à Raquel, à Natália, ao Miguel, pelo incentivo e apoio sem reservas.

A Deus, por todos existirem na minha vida e fazerem este trabalho uma realidade.

Índice

Sumário.....	7
Abstract.....	9
Agradecimentos.....	13
Índice de figuras.....	17
Índice de tabelas.....	18
Lista de acrónimos e abreviaturas.....	19
Introdução.....	21
I - A importância das publicações periódicas como veículo de evangelização e de ligação comunitária.....	27
1. A imprensa religiosa evangélica em Portugal.....	29
II – Um olhar sobre o percurso do <i>Portugal Evangélico</i>	33
1. Origens do <i>Portugal Evangélico</i>	33
2. Análise.....	51
2.1 Metodologia.....	51
2.2 Mudanças na direção e corpo editorial.....	54
2.4. Mudanças nas secções.....	61
3. Discurso do <i>Portugal Evangélico</i> sobre jornalismo.....	65
3.1 O Código de Harding.....	65

3.2 Os objetivos da imprensa evangélica portuguesa	70
3.3 Para o centenário do <i>Portugal Evangélico</i>	72
Conclusões.....	75
Bibliografia.....	81
Apêndices	87
Apêndice 1 - Tabela de registo de dados das edições dos primeiros 50 anos de publicação do <i>Portugal Evangélico</i> (1920 - 1970).....	87
Anexos	93
Anexo 1 – “O Jornalismo Evangélico” (Transcrição)	94
Anexo 2 – “Objectivos da Imprensa Evangélica” (Transcrição).....	99
Artigo 3 – “Para o centenário do <i>Portugal Evangélico</i> ” (Transcrição).....	101

Índice de figuras

Figura 1 - Primeira página de <i>A Reforma</i> nº1 (16 de agosto de 1877)	37
Figura 2 - Capa de <i>O Amigo da Verdade e da Infância</i> (julho de 1880).....	37
Figura 3 - Primeira página do <i>Portugal Evangélico</i> nº 1 (15 de outubro, 1920).....	43
Figura 4 - Os "heróis" das Escolas Metodistas do Porto (1942)	50
Figura 5 - Gráfico de cargos e períodos de ocupação no <i>Portugal Evangélico</i> (1920-1970)	56
Figura 6 - Lápide <i>in memoriam</i> de José A. Fernandes com menção ao <i>Portugal Evangélico</i> (Igreja do Mirante, Porto).....	58

Índice de tabelas

Tabela 1 - Alguns títulos da imprensa protestante, existentes na década de 1920	31
Tabela 2 - Diretores do <i>Portugal Evangélico</i> entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo	55
Tabela 3 - Redatores do <i>Portugal Evangélico</i> entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo	55
Tabela 4 - Editores do <i>Portugal Evangélico</i> entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo.	55
Tabela 5 - Conselhos Redatoriais do <i>Portugal Evangélico</i> entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo	59
Tabela 6 - Frequência das Secções identificadas no <i>Portugal Evangélico</i> , entre 1920 e 1970, por ordem decrescente.....	62

Lista de acrónimos e abreviaturas

AEP – Aliança Evangélica Portuguesa

IEMP – Igreja Evangélica Metodista Portuguesa

IEPP – Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal

PE – *Portugal Evangélico*

Rev. – Reverendo (designa também Pastor ou ministro de uma religião protestante)

Introdução

De que forma uma publicação periódica de uma minoria religiosa, editada pela primeira vez em 1920, se identifica e se adapta à evolução de 100 anos de um século XX, especialmente volátil, com mudanças sociais assinaláveis e desafios crescentes? Quais os intervenientes?

O *Portugal Evangélico* é uma publicação periódica religiosa, em concreto, evangélica ou protestante, que permanece em publicação contínua há 101 anos. O século XX, com certeza um dos mais conturbados e com as mudanças e desafios mais extraordinários da História, que engloba duas guerras mundiais, a invenção da rádio, televisão e internet, em paralelo com alterações sociais enormes como a globalização e, a nível nacional, a passagem por uma I República, a procura de um Portugal Novo, um Estado Novo, uma revolução pela democracia e, depois, a passagem do milénio. Também, neste percurso e decorrentes dessas mudanças sociopolíticas e tecnológicas, se colocam desafios e novas alterações legislativas, nomeadamente no campo alargado do exercício da liberdade de expressão e lenta formulação até à publicação de uma Lei de liberdade religiosa e de uma Lei de Imprensa.

Neste contexto, como permanece um mesmo periódico? O que justifica a sua longevidade? Quem é, como nasceu e a que se propõe, a quem serve, e será que ao longo deste tempo, conseguiu manter a sua identidade?

Objeto da investigação e pertinência

A escolha do objeto em estudo deve-se a vários fatores, dos quais identificamos: assinalar a data de centenário de publicação do *Portugal Evangélico* (completo em 15 de outubro de 2020); o facto desta publicação servir de fonte de informação para múltiplos estudos, mas não termos identificado nenhum estudo sobre o periódico em si; a escassez de estudos sobre publicações periódicas religiosas não-católicas em Portugal, nomeadamente sob a perspetiva das Ciências da Comunicação ou Estudos Mediáticos.

A estes aspetos de pertinência do *Portugal Evangélico* como objeto de estudo, juntam-se ainda o facto de a sua publicação longa, em concreto desde o início do sec. XX (de 1920 à atualidade) se enquadrar, no percurso histórico do jornalismo em Portugal, em períodos distintos. Nomeadamente, seguindo a proposta de periodização para a história do jornalismo em Portugal enunciada por Jorge Pedro Sousa (Sousa, 2021) e (Sousa & Lima, 2021) os seguintes momentos: a sua criação durante a I República e após a I Grande Guerra, um momento em que se pode identificar uma “imprensa industrial segmentada e desenvolvimento dos diários noticiosos de massas”; o período entre 1934 e 1995, caracterizado pela “segmentação mediática do jornalismo” e a sua permanência no período em que nos encontramos, com inícios em 1995, de “convergência e fusão”. Não esqueçamos, no entanto, que neste trabalho abordaremos um intervalo de tempo de publicação concreto – entre 1920 e 1970.

Creemos ainda que há pertinência na apresentação deste estudo neste momento, uma vez que, após cem anos de publicação impressa, o periódico está num ponto de viragem: de preparação e delineamento para a sua continuidade no digital. Esperamos que também para esta reflexão, possamos contribuir de alguma forma.

A investigação que levamos a cabo, sobre um assunto concreto, identificado no seu contexto temporal, no âmbito da história da imprensa portuguesa, se bem-sucedido, poderá constituir conhecimento útil para essa História.

Objetivos e Metodologia

Na presente investigação, procuramos encontrar e sistematizar informação que nos ajudasse a construir um perfil da publicação e detetar evidências das mudanças e permanências no seu percurso e, desta forma, esboçar a sua história. Em paralelo, pretendemos reunir referências de fontes de informação relevantes para a maior conhecimento sobre o órgão de comunicação que permitam compreender as relações que estabelece interna e exteriormente. Embora seja nosso objetivo final investigar o centenário de atividade da publicação, devido ao contexto e finalidade deste trabalho e constrangimentos do tempo necessário para o concretizar, neste estudo abordaremos o período dos primeiros 50 anos de publicação, ou seja, entre outubro de 1920 e outubro de 1970..

O trabalho procurará traçar um esboço da História da publicação periódica metodista interconfessional *Portugal Evangélico*, em publicação contínua desde 1920. Para o efeito, estudar-se-ão os seguintes elementos, diacrónica e, em momentos de transição, sincronicamente: propriedade (órgão oficial); órgãos dirigentes e redatoriais; tipografia; periodicidade; número de páginas; presença de imagens; secções preço; tiragem; formato; desenho gráfico/ organização do espaço. Procuraremos identificar momentos e períodos onde há mudança e quais as alterações verificadas e o seu contexto. Priorizaremos, pela sua importância na organização e desenvolvimento da publicação: a identificação de mudanças na direção e corpo redatorial; alterações nas secções que agregam os conteúdos; diferenças nos textos de apresentação da publicação ao público.

Em termos metodológicos, faremos uso de: a) análise documental, nomeadamente os exemplares do *Portugal Evangélico* do período em análise e documentos oficiais em Arquivos; b) análise descritiva qualitativa do discurso e c) pesquisa bibliográfica contextual e teórica de suporte. A metodologia será detalhada na Parte II, no capítulo 2.

De forma resumida, podemos dizer que esta construção de um percurso histórico do *Portugal Evangélico* teve por base e fontes: a) conteúdo da própria publicação, b) a análise de aspetos formais do periódico, c) bibliografia e trabalhos de investigação da história e d) documentos do arquivo do Secretariado Nacional da Informação (ANTT).

Na redação do trabalho, recorreremos ainda à sistematização da informação em tabelas e gráficos, assim como imagens, que consideramos úteis e demonstrativas.

Convém ainda esclarecer que o nosso trabalho, se bem que pretende contribuir para uma história do jornalismo português, se rege pelos estudos de jornalismo e não tanto pela História, apesar de como Marialva Barbosa afirma, existir um contributo importante que a (teoria da) História pode oferecer para o estudo do Jornalismo e que não está muito explorado. (Barbosa, 2005)

Nos últimos anos e em muito devido ao Projeto de investigação “Para uma História do Jornalismo em Portugal”¹ (2018-2021) que tem promovido a investigação precisamente com este propósito de a) construir uma história cronológica e narrativa do jornalismo português, b) evidenciar exemplos que “documentem a evolução das práticas jornalísticas e do discurso jornalístico em Portugal”, inferindo “qual foi a influência do jornalismo na sociedade portuguesa” e de c) “produzir uma história dos jornalistas em Portugal que apure as mudanças ocorridas no conceito de ”jornalista” e nas competências que lhe são exigidas e d) “periodizar a evolução do jornalismo português”. No âmbito deste projeto são levadas a cabo investigação e partilha do conhecimento através de encontros científicos e de publicações, a que agora podemos recorrer.

Estruturação

Este estudo divide-se em duas partes principais. Na primeira parte, reunimos contributos para a compreensão das publicações periódicas religiosas e protestantes como meio de evangelização e de comunidade, a partir da revisão de literatura sobre a história da imprensa protestante e apresentando, em paralelo, evidência do próprio *Portugal Evangélico*. Falamos do protestantismo e da imprensa protestante em Portugal, numa perspetiva histórico-política, procurando relevar fatores que promoveram ou dificultaram a abrangência e continuidade dos periódicos ao longo deste percurso.

Na segunda parte, perspetivamos o percurso dos primeiros cinquenta anos do PE, desde a sua origem, através da análise dos dados que reunimos e sistematizamos sobre a própria publicação nos números editados entre outubro de 1920 e outubro de 1970 e ainda apresentando texto de discurso formal do PE sobre jornalismo. Não deixamos de, neste contexto, apresentar os perfis sobre alguns dos intervenientes mais relevantes.

¹ Projeto de investigação intitulado “Para uma história do jornalismo em Portugal”/ “Towards a history of journalism in Portugal”, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCTPTDC/COM-JOR/28144/2017). Toda a informação e publicações encontram-se em <https://www.histjorn.fcsh.unl.pt/>

Na conclusão faremos uma revisão do caminho percorrido durante a investigação e redação do estudo, apresentando os resultados obtidos e conclusões, assim como propostas de seguimento de investigação e de reflexão futuros.

I - A importância das publicações periódicas como veículo de evangelização e de ligação comunitária

Comunidade é um conceito abstrato, que descreve “um tipo de relações entre pessoas e a estrutura que delas brota” Analiticamente, podemos contrapor “comunidade” e “sociedade”: sendo que numa comunidade, “os indivíduos se unem por laços naturais (...) e/ou espontâneos e por objectivos comuns”, ao passo que na sociedade “os indivíduos relacionam-se com base nos interesses individuais ou nos interesses das suas comunidades”, e que impõe uma “solidariedade orgânica expressa numa estrutura social” (Sousa, 2006, p. 4). No caso do *Portugal Evangélico*, verificamos mesmo uma tensão entre os dois conceitos uma vez que a comunidade evangélica teria uma visão diferente e mesmo contrária à estrutura social vigente – face ao “país católico” (religião maioritária).

Como Sousa (2006) nos alerta, a comunidade (e sociedade) só se forma e desenvolve “porque existe comunicação, pois esta é o substrato em que se desenvolvem as relações e interações entre os actores sociais, sejam estes individuais ou colectivos, e em que constantemente se negociam e encontram os equilíbrios” que asseguram a sobrevivência dos sistemas social e comunitário (Sousa, 2006, p. 4)

A natureza e génese do *Portugal Evangélico* são em si demonstrativas deste meio como veículo de evangelização e de ligação comunitária.

A criação da publicação mensal *Portugal Evangélico* faz parte de uma campanha especial de evangelização, nacional, com o objetivo último da Salvação de todos os portugueses, num país mais adiantado, “de ordem e de progresso firme, sem avanços impulsivos nem, recuos súbitos”, à semelhança de outras nações protestantes europeias (PE, ano I, nº,1, p.2),

A Campanha, de que este jornal faz parte, tinha por objetivo “promover a regeneração da Pátria e criar um Portugal novo, progressivo e tolerante, instruído e trabalhador, generoso e bom que honre o nome glorioso do Portugal antigo e que acompanhe de perto as demais nações na reconstrução dum mundo melhor.” (PE, ano I, nº 1, p.1)

Desde logo no primeiro número, é relatada a participação da comunidade no esforço desta campanha, em concreto os compromissos anuais de assinatura do PE, com a publicação dos montantes e nomes dos doadores, onde são inclusive referidos valores mais avultados com a nota “sendo metade para as escolas” (PE, ano I, nº1, p. 1)

Também, desde o primeiro número, verificamos a existência da secção “Carteira Íntima”, uma das secções com maior longevidade no período do estudo (90,5% de frequência nos exemplares abrangidos), onde se partilham e noticiam acontecimentos da vida pessoal de membros da comunidade, como batismos, casamentos, funerais e mesmo o adoecimento de um “querido irmão e abençoado evangelista”. (PE, ano I, nº1, p. 3).

Uma outra secção longeva, “Informando”, abarca as notícias da comunidade metodista portuguesa, tanto nacional como das comunidades locais, onde estavam instaladas as várias igrejas, através de relatos ou apontamentos sobre: a) variadas entidades e organismos evangélicos (como Triangulo Vermelho, Aliança Evangélica Portuguesa, ACM, Liga Juvenil, Sociedade do Esforço Cristão, Uniões Femininas, ...), assim como pequenos grupos informais (por exemplo, as “Dorcas” que costuravam vestuário para os mais necessitados); b) as Escolas – tanto a “escola regular”, como as escolas dominicais, (aprovações, resultados anuais, aniversários, etc.); c) referências a órgãos e artigos da imprensa evangélica, que citavam o PE ou que com ele se correspondiam (estrangeiros e nacionais, como por exemplo o centenário *Expositor Cristão* (Brasil, 1886-) ou *A Voz da Madeira*²).

² Publicado na Região Autónoma da Madeira entre 1908-1927, o título “Voz da Madeira” foi adotado por uma nova publicação mensal, em 2013, de natureza muito diferente, generalista e não-religiosa, com posicionamento político.

1. A imprensa religiosa evangélica em Portugal

Rita Mendonça Leite, no seu estudo “Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea: da exclusão à liberdade de culto (1852-1911)” (Leite, 2009) ajuda-nos a compreender o contexto político que antecede e favorece o surgimento do *Portugal Evangélico*, na I República, e o papel da imprensa nesse período.

Rita Mendonça Leite perspetiva a ideologia republicana como “espaço de abertura ao cristianismo reformado” (Leite, 2009, p. 148). Em concreto, para além de alguma aproximação de objetivos (a educação, liberdade religiosa, por exemplo), Leite destaca como característica do período da ação republicana (I República, 1910-1926) a valorização da imprensa como meio de difusão. “A edição de jornais, revistas, livros, opúsculos, folhetos panfletos foi um dos principais meios de divulgação da religiosidade evangélica” (assim como, na época, “um dos principais meios de propaganda republicana”). Afirma ainda que o movimento evangélico utilizou esse mesmo instrumento no decorrer dos seus processos de expansão. Embora inusual, Rita Leite nota que “nalguns casos, a imprensa evangélica integrou inclusivamente textos de divulgação do ideário republicano”, sendo a imprensa um dos principais “instrumentos de secularização das consciências” (Leite, 2009, p. 142)

Face à abrangência do meio imprensa, por não-católicos, a hierarquia da Igreja Católica vai reagir de forma preocupada e mesmo atacando a imprensa evangélica fundamentalmente na sua caracterização como “má imprensa” (Leite, 2009, p. 142). É importante notar que não só as publicações evangélicas foram alvo de críticas, mas também “toda a imprensa cujos conteúdos pudessem funcionar como um apoio em relação aos objetivos das comunidades protestantes”, aponta Rita Leite.

Os dirigentes eclesiais denunciavam a imprensa (protestante) como um perigo, como demonstram as palavras de D. Manuel Manso, bispo da Guarda, na sua pastoral da educação:

“É bem sabido, como a imprensa, por um deplorável abuso da liberdade, está lançando diariamente no centro da sociedade, e introduzindo no seio das famílias, milhares de

livros e impressos os mais detestáveis e corruptores. (...) Uns, declaradamente ímpios e ateos (...) Outros pregam mais ou menos abertamente essa heresia ou agregado de heresias que se chama Protestantismo." (Pinharanda Gomes *cit in* Leite, 2009, p. 142)

Ou a advertência do bispo de Angra do Heroísmo, D. João Pimentel, em 1885:

“Que ninguém auxilie de modo algum publicação que não seja honesta e ortodoxa, comprando, lendo, retendo, inculcando, ou d'algum modo favorecendo periódicos ou livros maos [...]. Porque quem d'algum modo auxiliar taes publicações commette peccado gravíssimo. [...]” (*cit in* Leite, 2009, p. 143)

Manifesta-se nestas reações enfáticas e admoestações, a “eficácia” da imprensa na disseminação da doutrina evangélica, face à qual, como “imprensa má” se impunha distância e desprezo.

Também Rita Mendonça Leite, num outro trabalho, se vai referir à imprensa evangélica (não só periódica] como promotora dos esforços da divulgação da Bíblia em português “A imprensa foi, de facto, e num sentido lato, uma importante aliada no processo de integração da SBBE [³] na sociedade e cultura portuguesas” (Leite, 2017, p. 485)”

De facto, no entender de Rita Leite, a imprensa periódica foi “identificada desde cedo como meio de publicitação (...) [a Sociedade Bíblica] angariaria já no início do séc. XX fontes de apoio por parte de alguns dos órgãos da imprensa generalista”, como: o *Diário de Notícias*, o *Novidades*, *A Vanguarda*, o *Jornal do Commercio*, *A Capital*, *O Século* e *A Palavra* (...)”, através dos artigos de apoio e incentivo à actividade de divulgação bíblica promovida pela SBBE em Portugal (...)” (Leite, 2017, p. 501)

Rita Leite releva a importância, em paralelo, para a organização, do universo da imprensa protestante “em franco crescimento” no início do séc. XX, como “um forte instrumento de apoio e de publicitação”. Nesta ação, a autora destaca alguns jornais como: *O Cristão Baptista*, o *Triângulo Vermelho*, o *Portugal Evangélico*, *O Cristão Lusitano*, *A Madeira Nova*, *O Semeador Baptista*, o *Portugal Novo*, entre outros. (Leite, 2017, p. 502) De facto, lê-se uma perspectiva de comunidade nesta colaboração, nas palavras de Rita Leite:

³ SBBP – Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira.

“o periodismo protestante incluiu nas suas páginas o trabalho da Sociedade Bíblica como tema de interesse e objeto de análise, perspetivando-o como parte integrante do universo evangélico português” (Leite, 2017, p. 503)

Anotamos aqui, alguns títulos da imprensa protestante, existentes na década de 1920, contemporâneos ao surgimento do *Portugal Evangélico*:

Tabela 1 - Alguns títulos da imprensa protestante, existentes na década de 1920

Título	Período de publicação
<i>O Amigo da Infância</i>	1874 – 1940
<i>Egreja Lusitana</i>	1894 – 1923
<i>A Luz e Verdade</i>	1902 – 1922
<i>O Mensageiro</i>	1905 – 1926
<i>Voz da Madeira</i>	1908 – 1934
<i>Arauto Christão</i>	1910 – 1924
<i>O Cristão Baptista.</i>	1914 – 1932
<i>O Caminho</i>	1917 – 1940
<i>Triângulo Vermelho</i>	1920 – 1923
<i>Portugal Evangélico</i>	1920 –
<i>O Cristão Lusitano</i>	1924 – 1925
<i>A Madeira Nova</i>	1925 – 1935
<i>O Semeador Baptista</i>	1926 – 1937
<i>A Madeira Evangélica</i>	1927 – 1930.
<i>Portugal Novo</i>	1928 – 1962

(Segundo pesquisa efetuada em Branco, 2006; Leite, 2009; Alves, 2012; e (Afonso & Silva, 2016)

Da proximidade do ideário republicano e dos valores e mensagem protestante, os autores J. A. Afonso e A. M. Silva assinalam a inovação e distanciamento com o corolário paradigmático anterior à I República; consideram que a imprensa protestante é expressão das perspetivas de

“um novo pensamento, com preocupações sociais e de integração, herdeiro de tópicos modernos e reformistas, em que a questão política não está ausente, em particular pela defesa de uma sociedade não conflitual e tolerante (ou pacífica)” (Afonso & Silva, 2016, p. s/p)

e, ainda, “na qual as liberdades fossem a tónica”. Assim, esta dimensão religiosa [protestante] é o corolário deste projeto cultural centrado na organização de um novo mundo social.” (Afonso & Silva, 2016, p. s/p)

II – Um olhar sobre o percurso do *Portugal Evangélico*

1. Origens do *Portugal Evangélico*

Protestantes ou Evangélicos?

Convém, numa breve nota, esclarecer a utilização dos termos “protestante e “evangélico”. Segundo Vilaça e Oliveira (2019), em Portugal, as igrejas históricas (não-católicas), como a Lusitana, Metodista e Presbiteriana, filiadas no COPIC⁴ – Conselho Português de Igrejas Cristãs, são designadas como “protestantes” e, por sua vez, as igrejas filiadas na Aliança Evangélica Portuguesa denominar-se-ão “evangélicas”, no entanto há uma quase sinonímia na sociedade portuguesa que se sobreporá às “(auto) representações sociais” anteriores. Assim, porque no contexto deste estudo, não há relevância nesta distinção, serão usadas as duas designações indiscriminadamente “para nomear todos os grupos que vêm da tradição da Reforma e suas sucessivas fragmentações históricas”. (Vilaça & Oliveira, 2019, p. 176)

Protestantismo e Metodismo em Portugal

Na última década há evidência de um maior interesse no estudo da história do Protestantismo em Portugal, onde se insere cultural e formalmente o *Portugal Evangélico*, com diversos trabalhos académicos dedicados a este campo de investigação (Afonso (2009, 2011, 2014), Afonso e Silva (2016), Cavaco (2012), Leite (2009, 2011, 2017), Neto (2010), Valente (2001, 2004, 2019), entre outros⁵), alguns publicados em livro, e, a declaração mais evidente, a criação da SPHP – Sociedade Portuguesa da História do Protestantismo, com o objetivo de “promover a investigação, a preservação

⁴ COPIC – Conselho Português de Igrejas Cristãs, uma associação de Igrejas e Organizações de orientação ecuménica, resultado de trabalho iniciado em 1956 e formalizado em 1971.

⁵ (Afonso, 2011) (Afonso, 2009) (Afonso, 2014) (Afonso & Silva, 2016) (Cavaco, 2012) (Leite, 2011) (Leite, 2009) (Neto, 2010) (Leite, 2017)

de documentos e a divulgação da história, da teologia e da cultura do protestantismo em Portugal”. (SPHP, s.d.)

A data reconhecida como a do nascimento do protestantismo em Portugal é 1845, com a fundação da Igreja Presbiteriana do Funchal, pelo Rev. Robert Kalley⁶ (1809-1888) – a primeira congregação protestante portuguesa em território nacional. No entanto, esta sofreu perseguição e duros golpes, que levaram à fuga de milhares de crentes da Ilha para outros territórios, nomeadamente o continente americano. (Testa, 2005) Anos mais tarde, a Igreja Presbiteriana recrudescer em Portugal, a partir de Lisboa, quando a Igreja Metodista já dava os primeiros passos em território português.

Uma personagem importante, para o protestantismo em Portugal, mas sobretudo no desenvolvimento das escolas como cumprimento da missão social dos evangélicos, foi James Cassels (1844-1923).

Em 1930 calculava-se que as confissões não-católicas em Portugal teriam 10.000 crentes, distribuídas da seguinte forma: 20% pertenceriam à Igreja Lusitana, 15% seriam congregacionalistas e 14% dos Irmãos; a Igreja Metodista congregava igualmente 14%, a Convenção Batista 11,1% e a Igreja Evangélica de Portugal 8,7% dos crentes (com percentagens menores que a 6% a Igreja Presbiteriana, os Independentes e os Nazarenos) (Moreira, 1933, p. 43 *cit in* Afonso & Silva, 2016, p. s/p)

Um importante contributo para a História do Protestantismo em Portugal e, em especial, para a História do Metodismo no país, é a investigação levada a cabo por Albert Aspey, no início da década de 70 do séc. XX, e publicada no livro “Por este caminho” (1971).

Albert Aspey (1911-1998), foi Superintendente Geral da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa desde 1955 e pastor da Igreja Metodista do Mirante; tendo muitos dos seus sermões e diversos artigos sido publicados, ao longo de vários anos, no *Portugal*

⁶ Robert Reid Kalley (1809-1888), médico cirurgião escocês e pastor, fundador da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal e da Igreja Presbiteriana no Brasil. O seu trabalho social, de criação de escolas populares e um hospital em que a conta dos ricos pagava os cuidados dos pobres, a par de uma crescente comunidade protestante por influência da igreja que funda no Funchal, tem grande impacto na sociedade madeirense da época e levará a uma das mais violentas perseguições religiosas em Portugal, pelas estruturas e comunidade católicas, com a fuga de milhares de madeirenses agredidos e ostracizados. (Marujo, 2006)

Evangélico, nomeadamente na coluna “De mim para vós” (1956-1967) e “Carta do Superintendente” (1968-1969).

Em 1971, Albert Aspey, escreve assim a primeira História do Metodismo em Portugal, desde a presença dos primeiros metodistas em território português, até 1900. Vai socorrer-se principalmente de documentos e registos da Sociedade Missionária [metodista inglesa] e da correspondência entre a Sociedade e os ingleses radicados em Portugal, que davam notícia do que ia acontecendo e dos progressos e ameaças que a comunidade inglesa (mas não só), vivia durante o séc. XIX.

Nas palavras de Albert Aspey, o seu livro “Por este Caminho” (1971) é a história do metodismo que conta e representa “páginas da História da procura da liberdade religiosa” (subtítulo do livro). A intenção da obra é a de “relatar os factos relevantes sobre “a vida social do século passado e apresentar uma faceta desta história da procura de liberdade religiosa” (Aspey, 1971, p. s/p). A. Aspey considera que a história da liberdade religiosa pode ser concebida como uma confluência de várias correntes, uma das quais foi o metodismo com os seus próprios conceitos na fé cristã.

Foi este movimento cristão que, na opinião de Élie Halévy⁷, historiador francês, salvou, no século XVIII, a Inglaterra de uma revolução semelhante à que arrasou a história da França, nesse mesmo século. O movimento

“exorta também os seus adeptos a uma vida disciplinada e apoiada na solidariedade com a vida de outros membros das “sociedades metodistas”. Conduz à divulgação, por toda a parte, da santificação da vida, conforme está escrito na Bíblia, quer no sentido da vida individual como no da vida social.”

⁷ O historiador francês Élie Halévy (1870-1937) é o autor do relato histórico mais detalhado do desenvolvimento político, económico, e religioso britânico do séc. XIX, após 1815 (“Histoire du peuple anglais au XIXe siècle” (1913-1947). Halévy, interessado no inconformismo, procurou mostrar que a base para o conceito britânico de liberdade seria o espírito de obediência voluntária. Na sua hipótese, o Metodismo - um movimento protestante evangélico, muito bem-sucedido na classe trabalhadora - matou um eventual espírito revolucionário na Grã-Bretanha, como sendo um antídoto para o Jacobinismo (Vaughan, Géraldine (2019). «Histoire du peuple anglais au XIXe siècle» d'Élie Halévy. *L'Histoire*, 466. [Em linha]. Disponível em <<https://www.lhistoire.fr/classique/%C2%AB-histoire-du-peuple-anglais-au-xixe-si%C3%A8cle%C2%A0%C2%BB-d%C3%A9lie-hal%C3%A9vy>> [Consultado em 10/01/2021])

F. Peixoto (2018) afirma que a penetração do Metodismo em Portugal foi, “uma contribuição em procura da liberdade religiosa, que hoje todos reconhecem ser um direito inalienável de todo o homem” e que até ali encontrou uma forte resistência. Foi de facto um “novo surto de espírito liberal” em Portugal, revelado pelas atividades de alguns dos pensadores portugueses do séc. XIX que criou o ambiente propício para que “a exposição e aplicação da Fé Cristã, expressa pelo Metodismo pudesse ser acolhida no país, (Peixoto, 2018, p. 29).

A História do Metodismo em Portugal após 1900 não se encontra reunida num tomo, havendo, no entanto, estudos, nomeadamente da Sociologia das Religiões que estuda e documenta mudanças e percursos das congregações protestantes no território nacional, onde se inclui a IEMP e as suas comunidades (por exemplo, Vilaça, 2006, Fonseca, 2015). Queremos com esta nota registar um esforço de registo diacrónico dessa História, por ocasião do 140º aniversário da Igreja Metodista, em 2011⁸, levado a cabo de forma séria e extensa, e cujas fontes principais foram, precisamente, o citado livro “Por este Caminho” (período 1871-1900) e o *Portugal Evangélico* (séc. XX). Seria muito útil que este trabalho de recolha e sistematização de dados históricos tivesse publicação, mesmo passada uma década, de forma revista e atualizada.

Protestantismo português e as suas publicações

Luís Aguiar Santos, no seu texto “Protestantismo” (Santos, 2001), chama a atenção para que o carácter interdenominacional, para além de uma opção, possível graças à proximidade confessional, era também uma necessidade para ter visibilidade e significância e permitisse a exequibilidade dos projetos e atividades: “(...) foi possível criar-se, numa base interdenominacional, uma série de instituições para-eclesiásticas desde o século XIX, como a União Cristã da Mocidade Portuguesa, cujas atividades

⁸ Investigação levada a cabo por Rev. Jorge Barros em conjunto com Cláudia Pereira, com o objetivo de documentar uma exposição itinerante comemorativa sobre a História do Metodismo em Portugal (dos factos e das figuras), desde a sua instalação em 1871, sistematizada em painéis cronológicos.

especializadas para a juventude não seriam viáveis se restritas a uma denominação (...)” (Santos, 2001, p. 75).

São, pois, estes mesmos argumentos que vão explicar a “natureza não-sectária” dos primeiros periódicos protestantes portugueses: *O Amigo da Verdade e da Infância* (1874) e *A Reforma* (1877),

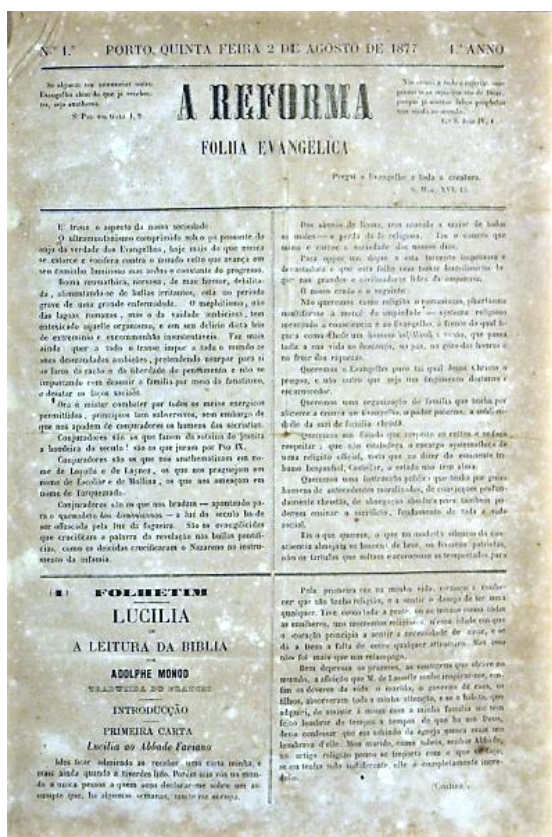


Figura 1 - Primeira página de *A Reforma* nº1 (16 de agosto de 1877)

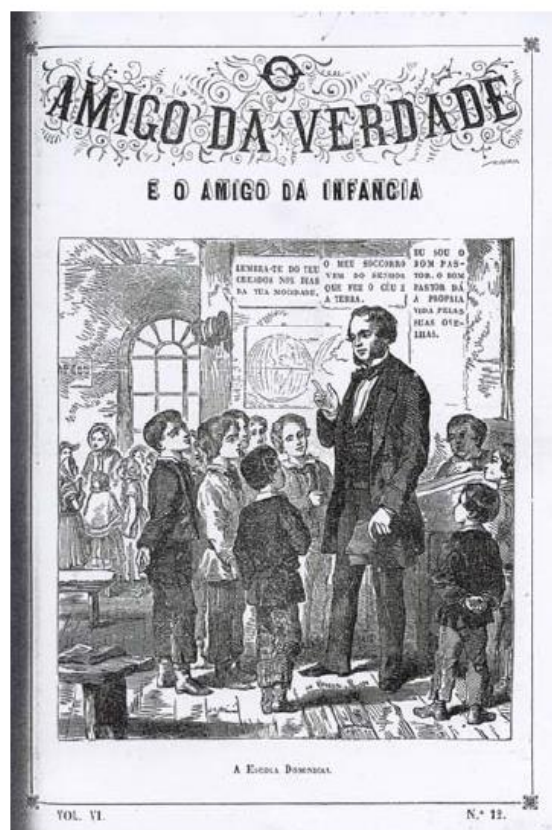


Figura 2 - Capa de *O Amigo da Verdade e da Infância* (julho de 1880)

O primeiro, publicado entre 1874 e 1940 foi um mensário infantojuvenil, com conteúdo declaradamente pedagógico, quer das letras, quer da moral, diverso, e foi o periódico infantil português de maior longevidade: 66 anos. Neste período contou entre os seus 87 colaboradores regulares (homens e mulheres), muitos elementos importantes do movimento protestante, como Alfredo H. da Silva, textos transcritos de figuras da literatura, e variados textos de pedagogos portugueses (Afonso, 2009, p. 157). José

Moreno Afonso, citando Eduardo Moreira (Moreira, 1933), refere que esta publicação registava, em 1915, a tiragem acumulada de cerca de 44.600 exemplares e, em 1932, a tiragem era de cerca de 6.000 exemplares mensais. (Afonso, 2014, p. 89). Como sucedia com várias publicações, a administração estava em Lisboa e a redação, no Porto, estando, de 1907 até ao seu fim, sob a direção de “uma das figuras cimeiras do protestantismo português: o metodista Alfredo Henrique da Silva” (Afonso, 2014, p. 89) .

Ainda digno de nota, o facto de o *Amigo* ter sido premiado com duas distinções, no âmbito social alargado: o Diploma de Mérito na Exposição da Imprensa Portuguesa (1898), e uma medalha na Exposição Internacional do Rio de Janeiro (1922-1923) (Afonso, 2014).

A *Reforma* é comumente reconhecida como o primeiro periódico protestante português (Silva, 2005, p. 60); foi promovido por Guilherme Dias da Cunha (1884-1907) e Robert H. Moreton (1844-1917), ambos figuras importantes no mundo evangélico. Curioso é notar que esta publicação se mantém interconfessional, mesmo depois de se ter tornado “eco da Igreja Lusitana” (Silva, 2005). Dias da Cunha, ex-padre católico romano, vai integrar a Igreja Metodista em 1875 e, em 1882, ingressa na Igreja Lusitana⁹, onde teve um papel importante no desenvolvimento do “cristianismo reformado” da segunda metade do séc. XIX, com a escrita e publicação de vários opúsculos (Leite, 2017, p. 462). O Rev. Robert Moreton, missionário metodista inglês, fundou e reconheceu legalmente a Igreja Metodista do Porto, sendo o primeiro superintendente da Igreja Metodista Portuguesa, desenvolveu uma enérgica atividade entre 1871, data da sua chegada ao Porto e 1917 (data da sua morte), entre a autoria de hinos, aulas de ciências e da colaboração regular com diversas publicações protestantes. No primeiro número do *Portugal Evangélico*, é Moreton que ocupa o centro da primeira página – a única imagem da edição, como figura homenageada com a publicação do próprio PE.

Luís Aguiar Santos (2001) declara que a tendência evidenciada pelos meios de imprensa protestante, após o surgimento, em 1892, de *O Evangelista*¹⁰ – que considera “um alto

⁹ Simplexificamos o nome da organização religiosa, porém o nome completo institucional é Igreja Católica Evangélica Lusitana.

¹⁰ *O Evangelista*, órgão dos Episcopalianos, Igreja Episcopal Reformada em Lisboa, teve publicação entre 1892 e 1900.

nível de qualidade onde está espelhada a atividade das denominações e as preocupações teológicas e sociais (...)” – é a “profusão de periódicos denominacionais de curta duração ou publicação irregular”. Apesar disso, indica quatro decanos: o *Portugal Evangélico*, *O Semeador Baptista* (criado em 1926), a *Revista Adventista* (1938) e o *Novas de Alegria*¹¹ (1943), ainda existentes e classificando o *Portugal Evangélico* como “um caso de colaboração interdenominacional.”¹² “ (Santos, 2001)

Numa outra perspetiva, Fernando Peixoto (1999) afirma a importância dos periódicos e adverte que, para combater uma historiografia pobre sobre o Protestantismo em Portugal – advinda do silêncio das publicações de carácter histórico do Estado Novo e anteriores sobre a atividade das minorias religiosas protestante e mesmo a existência de protestantes em Portugal (nomeadamente o caso flagrante da “História de Portugal” de Oliveira Martins) – se impõe a leitura atenta de “algumas publicações periódicas evangélicas, verdadeiros bastiões de resistência ao monolitismo imperante, como foram, entre outros, os casos do *Portugal Evangélico*”, *O Semeador Baptista* e *Portugal Novo*, *O Evangelista* e *Ecclesia*. (Peixoto, 1999, p. 260)

É, pois, neste contexto de e na especificidade da dinâmica da imprensa periódica que referimos no capítulo anterior que vai surgir o *Portugal Evangélico*.

¹¹ Órgão das Assembleias de Deus, em circulação.

¹² O *Portugal Evangélico* enquanto colaboração interconfessional entre Metodista e Presbiteriana.

2. A criação do *Portugal Evangélico*

A criação de um veículo de informação de âmbito nacional, contribuiria para o crescimento da Igreja, tanto quantitativo – manter a rede de novas congregações (“missões” e igrejas) – e qualitativo, relativamente à implementação da formação religiosa e intelectual dos crentes.

O compromisso com a evangelização de todos, o zelo com o aprofundamento do conhecimento bíblico e com a instrução dos crentes e o propósito de prestar informação sobre os acontecimentos do mundo contemporâneo à luz do Cristianismo, foram os fundamentos orientadores da publicação interdenominacional

Primeiro número

O *Portugal Evangélico* foi criado como parte de uma Campanha especial da iniciativa da Igreja Metodista Portuguesa (em que participavam outros) cujo objetivo era

“promover a regeneração da Pátria e criar um Portugal novo, progressivo e tolerante, instruído e trabalhador, generoso e bom que honre o nome glorioso do Portugal antigo e que acompanhe de perto as demais nações na reconstrução dum mundo melhor.” (PE, ano I, nº 1, p.1)

Palavras bem entendidas “no meio da anarquia mundial reinante” e contexto de pós-guerra, em que o país sofrera, pouco tempo antes, um duro golpe com o massacre do Corpo Expedicionário Português, que combatia na frente da Flandres.

A Campanha Evangélica tinha por objetivo “Para dizer tudo numa palavra: A nossa missão é evangelizar Portugal porque o nosso ideal é Portugal Evangélico.”, tendo por ponto de partida a referência o historiador francês Émile Laveleye¹³, cuja verdade “cada vez se torna mais flagrante”, de que nos países católicos, “dominam também a ignorância, a superstição e a desordem” e, ao invés, os países com base no “cristianismo puro dos Evangelhos são, sem uma exceção única, não só as nações mais adiantadas, mas de ordem

¹³ Na sua obra “De l'Avenir des peuples catholiques”, publicado em 1875.

e de progresso firme.”. Neste posicionamento reflete-se a doutrina protestante, metodista em concreto, que apresentamos anteriormente, mas também não será alheia a cultura inglesa onde nasce o próprio metodismo, e que Laveleye toma por exemplo.

Convém esclarecer que a intenção evangelizadora se baseia na crença da necessidade de uma transformação e melhoria na sociedade, sendo que esse progresso se baseia no princípio evangélico de que “o evangelho continua a ser o Poder de Deus para a Salvação de todos os indivíduos e, por conseguinte, das nações.

Na primeira página, encontramos os textos essenciais para a compreensão da natureza do *Portugal Evangélico*. São eles: “Campanha evangélica”, “Portugal Evangélico” e outros dois – “Aos nossos colegas” e “Rev. Robert Moreton” – com especial interesse para o nosso estudo.

Os dois primeiros textos fazem o enquadramento, explicando as motivações, objetivos da Campanha, da qual faz parte o periódico. Em “Portugal Evangélico”, assinado pelo diretor Rev. Alfredo da Silva, refere-se a escolha do título para a publicação: “Não podia ser mais acertada a escolha do título para o órgão da Igreja Metodista Portuguesa”, estabelecendo assim a propriedade e assunção de voz da IEMP. Também lhe cabe reforçar, que a razão de ser e de todo o trabalho é a missão cristã de divulgação do Evangelho, de proclamar que “Só no verbo eterno de Cristo podemos encontrar da verdade e da justiça que acaba com as lutas entre as diferentes classes da sociedade, ensinando a cada um os seus direitos, mas também os seus deveres; só nessas páginas sublimes é que podemos descobrir a vontade firme e a coragem alegre do trabalho, meio que todos preconizam para o mundo sair das ruínas em que caiu.”. Há nestas palavras um cruzamento feliz entre os princípios evangélicos, o perfil desejado de cidadão e a necessidade de recuperação do país no contexto de então. Alfredo da Silva considera, por isso, esta ação um dever cristão e patriótico. Há continuidade destas palavras em “Campanha evangélica” no qual consta ainda o registo nomeado das pessoas que contribuíram ou assumiram compromisso de contribuir para a Campanha.

Chamamos a atenção para dois pequenos textos “Aos nosso colegas” e “Rev. Robert Moreton”. No primeiro caso, constatamos que a primeira palavra do *Portugal Evangélico*, literalmente, na sua estreia, é parta com os colegas, ou seja para as outras publicações

evangélicas, manifestando a vontade de manter uma relação continuada, dando-se a conhecer e querendo saber de outras comunidades¹⁴ – na perspectiva que vamos ouvir, anos mais tarde, da missão da imprensa evangélica (PE nº493/494, de novembro/dezembro 1961, p. 13) enunciada por Ireneu Cunha em 1961 (*vide* capítulo seguinte). Declara o *Portugal* no topo da sua primeira coluna:

“Aos nossos colegas”

“O *Portugal Evangélico*, ao tomar o lugar humilde que lhe compete nas fileiras da imprensa evangélica, saúda todos os seus colegas – particularmente os de Portugal e Brasil – e, escusado será dizer, que com todos deseja permutar e manter as mais francas e fraternais relações de amizade.” (PE ano 1, nº 1, p. 1)

A única imagem da primeira edição do PE é o retrato de Robert H. Moreton, organizador da Igreja Metodista em Portugal e pioneiro na imprensa evangélica nacional. Desta forma o PE assinala e homenageia o percurso e uma figura da imprensa evangélica, anterior ao seu surgimento, e ainda estabelece uma prática que se tornara frequente durante muitos anos: a transcrição de excertos de textos publicados noutros periódicos:

“A Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, ao iniciar a publicação do *Portugal Evangélico* como seu porta-voz, na imprensa jornalística, não o pode fazer sem prestar modesta, mas muito sincera homenagem à memória do sempre saudoso Rev. Moreton (...). E essa homenagem prestamo-la publicando-lhe o retrato neste presente número e reproduzindo abaixo as palavras que o redactor do Portugal Evangélico escrevera [por ocasião da sua morte] (...) e que vieram publicadas no *Jovem Luso* [¹⁵] de maio de 1917.”

Uma nota, ainda, para a vivacidade da escrita – fruto da época tumultuosa do início do sec. XX – o espírito aguerrido da linguagem, comum nas múltiplas publicações religiosas que surgem nestes anos e que corresponde ao desafio lançado com a campanha de criação de um Portugal evangélico.

¹⁴ Nas edições seguintes e em edições de aniversário, surgirão referências e mesmo excertos transcritos de outros meios que congratulam a existência do PE.

¹⁵ *Jovem Luso* (Lisboa, 1917-1979), periódico protestante, (Alves, 2012, p. 74)



Figura 3 - Primeira página do *Portugal Evangélico* nº 1 (15 de outubro, 1920)

Uma das figuras principais do *Portugal Evangélico* e forte impulsionador da sua criação foi Alfredo Henrique da Silva (1872-1950).

Primeiro diretor do *Portugal Evangélico*, do número 1, outubro de 1920 ao nº 332 (maio, 1948). Sucedeu a Robert Hawkey Moreton, na liderança da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa, foi o mais destacado dos líderes, tendo expandido a obra da Igreja ao longo dos anos mais favoráveis da I República.

Moreton organizou a igreja no ano de 1871. Foi durante a direção do Dr. Alfredo, mais precisamente entre 1920 e 1940, que a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa atravessou o seu período de expansão mais frutífero, recrutando membros de todas as classes sociais,

umentando o número das suas escolas e confirmando-se como uma das mais dinâmicas e prestigiadas Igrejas Evangélicas do País. Durante esta era, a Igreja editou várias publicações de “boa qualidade espiritual” e intelectual, a mais notável o mensário *Portugal Evangélico*, que é, a mais antiga publicação evangélica portuguesa em circulação.

Foi professor e Diretor do Instituto Industrial e Comercial do Porto e do Instituto do Comércio do Porto (Alves, et al., 2013), professor de diversas escolas evangélicas da cidade, Secretário e Vice-presidente da Sociedade Protectora dos Animais e presidente da sua Assembleia Geral, Secretário da comissão Organizadora da Sociedade Anti-Esclavagista Portuguesa [1910 - Magalhães Lima – Grão mestre da Maçonaria Portuguesa]; Presidente do comité nacional das Uniões Cristas da Mocidade, Foi ainda o corredator e signatário da contestação da Lei da Liberdade Religiosa de 1911 (“Memorial das Igrejas Protestantes a propósito da Lei da Separação da Igreja do Estado”) e redator e signatário do projeto-lei de Proteção dos Animais (1911).

A Medalha de Prata

Na edição nº 38, de novembro de 1923, surge uma nota, com algum destaque - na primeira página, na coluna da direita, que dá conta da atribuição, algum tempo antes, da medalha de prata da Exposição Internacional do Rio de Janeiro de 1922-1923.

A partir deste número, e até ao número de abril de 1959 (ano XXXIX, nº 463), surgirá no cabeçalho do PE, a frase “Premiado com medalha de prata na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, 1923” (inicialmente com indicação “1922”, o ano é alterado no número seguinte, nº 39, de 15 de dezembro 1923). A menção a esta distinção aparece, pela última vez no *Portugal Evangélico*, no espaço de “ficha técnica”, na página 18 do número de outubro/ dezembro 1968 (ano XLIX, nº 576/578).

Este “assunto”, tanto quanto nos foi dado verificar, não é mencionado uma só vez nas páginas da publicação ou tecida qualquer consideração posterior, senão a que surge neste mesmo anúncio “(...) notícia com que certamente se vão alegrar todos os amigos do nosso jornalzinho.” (ano IV, nº 38, de 15 de novembro 1923, p. 1).

Este aparente desinteresse suscita alguma curiosidade quanto ao seu motivo, dado que esta Exposição teve grande importância para o país e para o mundo, sendo a primeira exposição mundial após o fim da I Grande Guerra, onde as nações pretendiam demonstrar a sua pujança e desenvolvimento, em particular o Brasil. Será o facto de, neste mesmo número, se noticiar a morte da figura fundadora da Igreja Metodista em Portugal, James Cassels? Haverá algum constrangimento devido ao facto de esta participação coletiva ser nacional, ou seja, da iniciativa do Estado?

Com intenção de ler o texto original e em que contexto se deu a atribuição e em que termos, investigámos a referência ao Diário de Governo de 03 de outubro, do próprio jornal, mas no entanto não o encontramos, após consulta no repositório online do Diário da Republica (com cópias digitalizadas das I série dos Diários de Governo), a Biblioteca Publica Municipal do Porto (consulta dos exemplares desse ano, nas segundas séries) e junto do Arquivo da Assembleia da Republica (onde existem os suplementos e terceiras séries) Foi ainda efetuada uma leitura dos diários dos Debates Parlamentares, pesquisando por “Exposição internacional do Rio de Janeiro”, que refere várias situações administrativas e políticas e uma polémica “nos jornais” relativas à participação no evento, mas que é omissa quanto a prémios. Cremos que esta documentação pode ser analisada mais exhaustivamente, em datas posteriores, procurando referência direta ou indireta em outras fontes, como os jornais da época¹⁶.

Esta distinção permanece no cabeçalho da publicação desde o número em que é noticiado até ao número 463, ou seja, entre novembro de 1923 e abril de 1959, data em que não desaparecendo da publicação, passa a figurar na Ficha Técnica, nas páginas interiores da publicação, sem destaque, onde se mantém até à edição número 590, em dezembro 1969.

Seria pertinente ter acesso ao texto do Diário do Governo em que é atribuída esta distinção, adquirindo conhecimento das circunstâncias específicas em que foi atribuída a Medalha, assim como, os critérios relevantes para essa mesma atribuição.

¹⁶ De facto, a título de exemplo, encontramos uma referência à atribuição de prémios a participantes portugueses nesta Exposição Internacional (1922/1923), anos mais tarde, em 1925, no jornal Diário de Notícias de 31 de julho, onde consta a relação de artistas portugueses premiados – entre os quais, a atribuição do grande Prémio da Exposição ao escultor António Teixeira Lopes (1866-1942).

Nesta senda, procuramos em diversos arquivos, nomeadamente Biblioteca Pública Municipal do Porto, Biblioteca Nacional e Biblioteca e Arquivo Histórico da Assembleia da República, de forma a encontrar referência à concessão de condecorações no âmbito do ensino ou comunicação [na altura, em 1922. um Ministério abarcava as duas áreas: Ministério do Comércio e Comunicações]. Não encontramos, com o apoio dos técnicos destas entidades, registo, mesmo alargando o intervalo temporal entre 1922 e 1925, pelo que colocamos como hipótese que a referência ao *Portugal Evangélico* se encontre “perdida” no corpo de texto de um diploma que nos pareça alheio a esta circunstância e, no entanto, guarde esse registo até que uma procura mais exaustiva o encontre.

Em opção, procuramos obter prova de que Alfredo Henrique da Silva tivesse estado presente na Exposição, sem que houvesse referência à atribuição de um prémio, e desta forma reforçar a probabilidade de prova indiscutível e descritiva da atribuição desta distinção.

Relativamente a esta hipótese, fomos testando a existência dessa referência no próprio *Portugal Evangélico*, em edições próximas da realização da Exposição e em datas de possível homenagem (data de saída de A. Silva do PE, data da sua morte), o que obteve resultados; encontramos, na secção “Informando”, da edição de 15 de janeiro de 1923, a notícia “Portaria de Louvor” (PE, ano III, nº 28, p. 4) que dá conta de uma portaria assinada pelo Ministro do Comércio, louvando-Alfredo H. da Silva pelos serviços prestados na secção portuguesa da Exposição Internacional do Rio de Janeiro.

A atribuição deste Louvor a Alfredo da Silva é corroborada pela publicação de uma notícia no Primeiro de Janeiro e para o qual o próprio PE transcreve:

“Pelo ministério do Comércio, acaba de ser louvado, em portaria, publicada no “Diário do Governo”, o nosso amigo e ilustre professor e director do Instituto Comercial do Porto, sr. Alfredo Henrique da Silva, pelos serviços prestados em missão gratuita, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, onde proficientemente dirigiu a secção de Ensino Comercial e Industrial, tendo igualmente concluído os trabalhos preparatórios dessa secção e feito parte dos júris das classes 1 a 6, secção Ensino, da mesma exposição.

Merecido é o louvor tributado ao professor sr. Alfredo Henrique da Silva, que em todas as ocasiões propícias não se furta, com o mais abnegado patriotismo, a prestar os maiores serviços ao seu paiz.” (Primeiro de Janeiro *cit in* PE, ano III, nº 28, p. 4)

Nota sobre a Censura

Numa breve análise, constatamos uma irregularidade na periodicidade da publicação. A este propósito, deixamos uma breve nota, a desenvolver posteriormente, sobre o papel da censura nesta questão.

Para as sucessivas publicações fora de hora devem ter contribuído também motivos alheios ao funcionamento interno da publicação, como as ações da censura. A título de exemplo, em 1951, a pretexto de falta de entrega de documentação em devido tempo, o jornal teve ordem de suspensão. Júlio Roberto dos Santos em carta registada de 02.03.1951¹⁷, escreve ao Diretor da Comissão de Censura à Imprensa (Lisboa), explicando as circunstâncias. A censura foi levantada, sem, no entanto, passarem algumas semanas na troca de missivas e decisão, atrasando a publicação do número seguinte, o nº 195, de setembro/ outubro de 1936. Notamos que, apesar de procurarmos na consulta e análise do processo do PE no arquivo do Secretariado Nacional de Informação, a eventual documentação relativa a artigos ou edições censurados, do mesmo consta correspondência com a Direção dos Serviços de Censura, confirmando a existência de “pedido de informações, para os fins previstos (...) sobre os indivíduos” – prática corrente – e que, o carimbo da P.I.D.E. atestava, nos vários casos que “nada consta”¹⁸, atestando a idoneidade das pessoas em causa e, por consequência, “um ponto a favor” da publicação..

O processo do *Portugal Evangélico* no Serviço Nacional de Informação e Comissão de Censura à Imprensa, à guarda no Arquivo Nacional, consiste num arquivo com 72 documentos, com datas entre 1938 e 1972, no qual consta correspondência entre a Direção

¹⁷ PT-TT-SNI-DSC-9-325_m0063_ 1951

¹⁸ Documentos derivados: PT-TT-SNI-DSC-9-325_m0007, PT-TT-SNI-DSC-9-325_m0023; PT-TT-SNI-DSC-9-325_m0030.

e a Igreja Metodista Portuguesa – a proprietária da publicação – sobre processo de inscrição nos Registos da Imprensa (1938), a autorização da nomeação de Ireneu da Silva Cunha para o cargo de Diretor (1959 e 1964), a autorização de nomeação para o cargo de editor, de Luís Henrique da Silva (1966), entre outra documentação.

O bispo emérito Ireneu Cunha, no seu livro de memórias, “Desfolhando Vida” (Cunha, 2020) partilha a sua experiência neste contexto, enquanto diretor do *Portugal Evangélico*, relatando um caso de censura a um poema, e de como, na sua experiência e opinião, a tentativa de contornar o perigo do exercício censório, levou a um apuro das capacidades de redação e mesmo literárias dos autores dos textos publicados, a nível nacional.

Nota sobre as Escolas nas páginas do *Portugal Evangélico*

Não podemos deixar de abordar, mesmo que sem aprofundamento, a perspetiva riquíssima da importância das Escolas plasmada nas páginas do *Portugal Evangélico*

Parte significativa de toda a intervenção metodista passava pela ação e importância dada à educação (ponto convergente com o espírito republicano). O estudo profundo levado a cabo por José António Afonso em “Protestantismo e Educação: história de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XX” (Afonso, 2009) e estudos como “Escolas protestantes: dispositivos de inserção e regeneração” (Afonso, 2011) e “As representações da infância e da juventude na imprensa infanto-juvenil protestante portuguesa na transição do séc. XIX – uma leitura do *Amigo da Infância* (1874-1940)” (Afonso, 2014), entre outros, dão a conhecer o impressionante trabalho levado a cabo pelas igrejas protestantes, em particular a Igreja Lusitana e a Igreja Metodista no norte do país, tendo um impacto social na instrução de crianças e também de adultos.

As Escolas eram, portanto, tema em várias publicações protestantes, e um tema sempre presente nas páginas do *Portugal Evangélico*, algumas vezes em secção própria, outras na secção “Informando” e que ocupava, todos os anos um espaço considerável no PE, com a relação dos nomes de todos os estudantes nas escolas metodistas e o grau que concluíam nesse ano. Embora existissem cursos noturnos, para adultos, o foco é efetivamente nos mais jovens. Desde logo no primeiro número: se faz este rol extenso, e

se anuncia que “são em número de 581 as crianças matriculadas nas nossas Aulas Dominicais do Mirante, Monte Pedral e Lordelo. A matrícula é permanente.” (PE, ano I, nº 1 de 15 de outubro, 1923, p.1).

O trabalho na Educação, levado a cabo pela Igreja Metodista tinha reconhecimento pela população, e mesmo era notícia nos jornais generalistas, como esta, do *Primeiro de Janeiro* de 10 de agosto 1941, transcrita no PE:

“Realizou-se na passada quinta-feira [7], na popular Escola Evangélica de Lordelo, a festa de encerramento dos trabalhos escolares e distribuição de prémios, festa que decorreu brilhantemente e com muita concorrência.” (PE, ano XXI, nº 253, 15 de agosto/ setembro 1941).

Creemos ser demonstrativo da relação da igreja com a população infantil, através da plataforma do *Portugal Evangélico*, o seguinte exemplo,

“Heróis costumamos chamar aos meninos e meninas das nossas Escolas que conseguem aprovação nos exames públicos do 1º e 2º grau a que são submetidos no mês de Julho ou nos exames de passagem da 1ª para a 2ª classe ou da 2ª para a 3ª classe, a que são submetidos nas nossas próprias Escolas, antes do encerramento das aulas no fim do mesmo mês.

Para os animar a prosseguir no propósito de saírem vencedores nas muitas lutas que vão ter pela vida fora, costumamos tirar uma fotografia dos Heróis que conseguiram ficar aprovados nos exames públicos. Tiramo-la e damos-lhe a honra da sua publicação na 1ª Página. Com ela ficam registados os nossos parabéns aos heróis e às heroínas bem como às famílias e também aos professores pelo êxito dos esforços com que ministram o ensino. (PE, vol. nº 263/264, 15 de setembro 1942, p. 4)

Não só o *Portugal Evangélico* dava mostras do seu trabalho na área da educação, da proteção assistencial que prestava no ambiente escola, como, neste caso, a publicação no *Portugal Evangélico* se torna a maior homenagem pública de reconhecimento para comunidade evangélica, e não só.

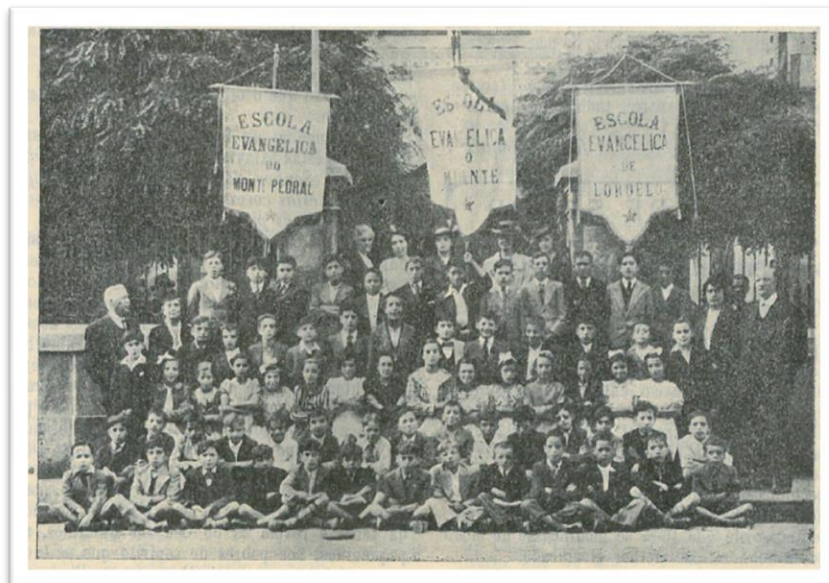


Figura 4 - Os "heróis" das Escolas Metodistas do Porto (1942)

Fonte: *Portugal Evangélico*, Ano XXII, nº 263/ 264, setembro de 1942, p. 1)

2. Análise

2.1 Metodologia

Propusemo-nos levar a cabo uma abordagem descritivo-narrativa histórica do trajeto da publicação.

A investigação começa em 1920, e prolonga-se até 1970 (nº 1 a nº 600/602), num total de 484 edições/ exemplares. A publicação continua até aos nossos dias, mas por razões exclusivas de exequibilidade da pesquisa, circunscreveu-se a esse período.

Atendeu-se às constâncias e mudanças na direção, redação, forma, secções e conteúdos da publicação ao longo do tempo.

Anterior e paralelamente à recolha de dados a partir da análise documental, realizamos Pesquisa bibliográfica, um trabalho de investigação realizados sobre o Protestantismo em Portugal, imprensa evangélica e história do jornalismo, para recolha de outros dados e para contextualização

Pesquisa e análise documental

A investigação sobre os documentos, a pesquisa de texto foi realizada sem recorrer a qualquer ferramenta digital, uma vez que a digitalização dos exemplares – não profissional, mas que permitiu o seu acesso visual no contexto de pandemia, não permite esta função.

Fizemos o registo e Sistematização dos dados constituindo uma tabela de registo de dados das edições dos primeiros 50 anos de publicação do *Portugal Evangélico* (1920 - 1970), ou seja, dados relativos a 484 números,

O estudo debruçou-se sobre os próprios exemplares, sequenciados do PE, ou seja, os documentos são fonte primária de informação; podemos também os classificá-los como documentos naturais (Bardin, 2004), ou seja, documentos que decorrem da realidade social e não foram elaborados para um contexto de estudo. A análise documental “permite

passar de um documento primário (em bruto), para um documento secundário (representação do primeiro)” (Bardin, 2004, p. 40).

Não foi feita um análise do conteúdo formal, mas foi inevitável a leitura de texto nos próprios exemplares de vários números da publicação como a sua própria fonte de informação, uma vez que, muitas vezes, se pronuncia sobre as mais variadas circunstâncias como são o atraso na data de publicação, a justificação de mudanças de cargos dirigentes ou de *layout* ou colaboradores.

De forma resumida, podemos dizer que esta construção de um percurso histórico do *Portugal Evangélico* teve por fontes: a) conteúdo da própria publicação, b) a análise de aspetos formais do periódico, c) bibliografia e trabalhos de investigação da história e c) documentos do arquivo do Secretariado Nacional da Informação (ANTT).

Na redação do trabalho, recorreremos ainda à sistematização da informação em tabelas, que consideramos úteis e demonstrativas.

Na análise dos dados recolhidos, demos atenção à frequência – considerado um método estatístico elementar “de maior interesse para as Ciências da Comunicação” (Sousa, 2006, p. 388). A frequência absoluta que indica o “numero de unidade que ocorre numa classe”, permite, no caso das secções, avaliar qual a que ocorreu mais vezes ao longo do tempo e, assim, apurar a que concentra maior consenso ao longo do tempo. se mostra mais.

Recolha de dados

Tomamos por objeto de análise a própria publicação, nomeadamente os exemplares publicados entre a primeira edição em 1920 e o nº 600/602, em 1970.

Tanto quanto foi possível apurar, na Biblioteca Alfredo da Silva, na sede da Igreja Metodista Portuguesa, e junto de membros mais antigos da igreja, não existem muitas coleções completas da publicação (reunindo todos os exemplares publicados, desde o nº1 até ao número mais recente). Existem apenas duas coleções completas na Biblioteca da Igreja nacional (havendo conhecimento da existência possível de outras duas coleções completas na mão de privados), embora seja muito frequente encontrarem-se exemplares avulso tanto nas várias igrejas da IEMP, como em muitas dos arquivos pessoais de famílias mais antigos da comunidade, legados continuados por gerações mais recentes.

A pesquisa e recolha de dados foi levada a cabo em cópias em ficheiro de imagem dos exemplares realizadas por Fernando Pereira, membro da comunidade de 3ª geração como projeto pessoal e contributo generoso e voluntário para a História e memória da comunidade.

Também o acesso digital às imagens dos exemplares, permitiu atenuar as consequências das circunstâncias que de outro modo constituiriam barreiras: o mau estado de algumas edições, o acesso físico difícil na sala, assim como no contexto de pandemia, a minha limitação de baixa visão.

Organização e sistematização dos dados

Sistematizámos os dados recolhidos n uma tabela de duas entradas, onde as primeiras colunas dizem respeito apenas às informações identificativas do exemplar (ano publicação, data (mês e ano), nº da edição) – não contabilizadas como dados – e, na linha correspondente a cada exemplar, foram registados os dados relativos a cada elemento (existência ou não; descritivo): propriedade (órgão oficial); órgãos dirigentes e redatoriais (diretor, redator, editor, administrador, secretário da redação, conselho redatorial); tipografia; periodicidade; número de páginas; presença de imagens (fotografia preto e branco, cor, ilustrações, gravuras/ desenho); secções (no total de 32, ao longo dos 50 anos); preço (preço avulso, assinaturas nacionais e estrangeiras), tiragem; formato (dimensões); desenho gráfico/ organização do espaço (número de colunas, cabeçalho (*lettering* do título) e outros elementos gráficos avulsos).

A partir desta sistematização, seguiu-se um trabalho exaustivo e longo de recolha efetiva e identificação de cada um dos elementos em cada um dos exemplares, no total, a verificação de 53 elementos em cada exemplar, num conjunto de 484 números do PE (1920-1970), o que perfaz uma totalidade de 25 652 dados recolhidos direta e manualmente.

Dada a extensão dos dados recolhidos, decidimos focar a nossa análise sobre as Secções e os Cargos diretivos da publicação, que nos pareceram de maior interesse para a apresentação de primeiras conclusões úteis para um estudo posterior, nomeadamente na deteção de indícios relativos a tendências editoriais de novas abordagens ao longo do período estudado. Naturalmente, esta análise não se alheia de cruzamentos com os

restantes elementos de forma e de conteúdo com que nos cruzamos nos vários exemplares e que darão pistas par as discontinuidades que detetaríamos.

Nos pontos seguintes, abordaremos a aproximação metodológica e análise que realizamos aos elementos a) corpos dirigentes e redatoriais” e b) secções do *Portugal Evangélico* e as conclusões que nos suscitaram.

2.2 Mudanças na direção e corpo editorial

As pessoas que ocupam as funções no *Portugal Evangélico*, são pessoas que ocupam cargos na estrutura da Igreja. Por incumbência do cargo de Superintendente – o cargo máximo da igreja nacional, no período em análise – a mesma pessoa ocupava o cargo de Diretor, como é o caso de Alfredo H. da Silva, entre 1930 e 1948, ou, a partir de 1965, Albert Aspey, enquanto Superintendente, encabeça o Conselho Redatorial (apesar de, neste período, as funções de diretor e redator, serem assumidas por outra pessoa, num novo modelo de organização: Ireneu Cunha¹⁹).

No período em estudo, os cargos discriminados no cabeçalho do jornal alteram-se em determinados momentos de mudança; podemos, no entanto, fixar os cargos de Diretor, Redator e Editor como os que, naturalmente, se mantêm em continuidade. Para além destes, surgem, em períodos mais ou menos extensos, os cargos de Secretário da Redação (1920-1950) e de Administrador (1950-1959 e 1965-1970). A figura de Conselho Editorial surgirá apenas em abril/agosto 1965.

No gráfico da Figura 5, apresentamos os períodos de ocupação dos vários cargos no *Portugal Evangélico* (1920-1970), identificando os diversos cargos e as pessoas que os desempenhavam, atribuindo a cada pessoa uma cor concreta. Desta forma, visualizamos rapidamente os períodos de ocupação mais longos e a acumulação num mesmo período pela mesma pessoa. A informação específica sobre as edições – ano e número da edição

¹⁹ Curiosamente e de uma forma que confirma a nossa afirmação anterior, o Rev. Ireneu Cunha tornar-se-á Superintendente da IEMP em 1985, acumulando nessa altura as funções de diretor e redator.

e data – que tutelava cada um dos diretores, redatores, editores e conselho redatorial, encontra-se nas páginas seguintes, nas Tabela 2, Tabela 3, Tabela 4 e Tabela 5.

Tabela 2 - Diretores do *Portugal Evangélico* entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo

Diretor	Edições	Período	Total edições ²⁰
Alfredo Henrique da Silva	1 a 332	Outubro 1920/ maio 1948	332
António Tavares	333 a 363	Junho 1948/ dezembro 1950	30
Júlio Roberto dos Santos	364 a 463	Janeiro 1951/abril 1959	99
Ireneu da Silva Cunha	464 a 600/602	Maio 1959/ dezembro 1970*	138*

Tabela 3 - Redatores do *Portugal Evangélico* entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo

Redator	Edições	Período	Total edições
José António Fernandes	01 a 248	Outubro 1920/ março 1941	248
Alfredo Henrique da Silva	249 a 332	Abril 1941/ maio 1948	83
António Tavares	333 a 363	Junho 1948/ dezembro 1950	30
Júlio Roberto dos Santos	364 a 463	Janeiro 1951/abril 1959	99
Ireneu da Silva Cunha	464 a 602	Maio 1959/dezembro 1970	138*

Tabela 4 - Editores do *Portugal Evangélico* entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo.

Editor	Edições	Período	Total edições
Avelino E. de Lima	01 a 546	Outubro 1920/ abril 1966	546
Luís Henrique da Silva	547 a 602	Maio 1966/ dezembro 1970*	54*

²⁰ *As últimas edições, do intervalo do período em análise (outubro de 1970), podem não corresponder ao período total do cargo exercido pela pessoa na análise do período total de publicação, assinalámos com um asterisco esta circunstância.

De facto, entre maio de 1959 e janeiro/março de 1965, deparamos com um grupo dirigente e redatorial bastante sumário, onde apenas encontramos indicados Diretor, Redator e Editor, acumulando o Rev. Ireneu Cunha os cargos de diretor e redator e mantendo-se Avelino Evangelista de Lima no seu longo percurso de editor.

Outro fenómeno de acumulação de funções no PE por uma mesma pessoa, é o período entre 1955 e 1959, após a morte de Alfredo H. da Silva, em que Júlio Roberto dos Santos vai desempenhar funções de diretor e redator e, ainda, ocupar o cargo máximo da Igreja Metodista Portuguesa: Superintendente. Durante este período, também Avelino E. de Lima se mantém como editor.

Também o cargo de Redator se apresenta como distintivo, uma vez que é ocupado por pessoas que, no momento ou mais tarde assumirão o cargo de superintendente da igreja. Por norma, o cargo de Superintendente e de Diretor do *Portugal Evangélico*, neste período, são ocupados vitaliciamente, fazendo com que a duração do mandato seja pouco previsível e alguma vezes inesperada.

A importância do PE para a igreja e a sua representatividade parece-nos evidente quando nos deparamos com as lápides de mármore *in memoriam* existentes nas paredes da histórica Igreja do Mirante (inaugurada em 1877), que homenageiam as figuras mais influentes na História, estrutura ou atividade da Igreja. Nelas, encontrarmos o que poderíamos chamar de “bibliografia escrita na pedra”: no epitáfio de José A. Fernandes lemos “À saudosa memória do Rer. José António Fernandes, Ministro desta Igreja desde 1910 a 1941, Redactor do *Portugal Evangélico* de 1920 a 1941” – em que, para além de referenciada, a publicação tem o seu nome gravado a negro com o *lettering* do PE sobre o mármore.



Figura 6 - Lápide *in memoriam* de José A. Fernandes com menção ao *Portugal Evangélico*

(Igreja do Mirante, Porto)

Neste período de 50 anos de publicação, Avelino Evangelista de Lima, consegue permanecer no cargo de Editor durante 46 anos. Em maio de 1966, na sequência da sua morte, o cargo é assumido por Luís Henrique da Silva, membro ativo da Igreja e filho do extinto Rev. Alfredo da Silva, primeiro Diretor do PE, cujo trabalho acompanhara. Luís H. Silva da Silva irá permanecer durante até

Como dissemos, a estrutura da equipa do mensário permanece estável numa primeira fase. Em 1965, no seguimento da celebração de um entendimento entre a Igreja Metodista e a Igreja Presbiteriana, o PE tornar-se Órgão Oficial das duas Igrejas. A partir deste momento, passa a ser nomeado um Conselho Redatorial, integrando membros de ambas as igrejas, mas que é presidido pelo Rev. Albert Aspey, Superintendente da Igreja Metodista. O primeiro conselho redatorial aparece nas páginas do PE em abril 1965 (nº 534). No período em análise, entre 1920 e 1970, existiram dois conselhos redatoriais (*vide* Tabela 5), integrando diferentes elementos.

Tabela 5 - Conselhos Redatoriais do *Portugal Evangélico* entre 1920 e 1970 e as edições a seu cargo

	Edições	Período	Total edições
Conselho Redatorial I	534 a 544	Abril 1965 / fevereiro 1966	6
Conselho Redatorial II	545 a 602	Janeiro 1966/ dezembro 1970	56

Identificamos, de seguida, os elementos que integravam cada uma das equipas dos dois Conselhos editoriais existentes desde 1965 até 1970 (intervalo superior do período em análise), indicando a sua filiação confessional:

Conselho Redatorial I (1965-1966):

- Rev. Albert Aspey – Superintendente da Igreja Evangélica Metodista Portuguesa
- Rev. João Severino Neto – moderador da -Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal
- Rev. Mário F. Neves²¹ – responsável pelo noticiário Presbiteriano
- Rev. Francisco Abel Lopes²²

Conselho Redatorial II (1966-1970):

- Rev. Albert Aspey – Superintendente da Igreja Metodista
- Rev. João Severino Neto – moderador da Igreja Presbiteriana
- Rev. José Manuel Leite – responsável pelo noticiário Presbiteriano
- Rev. Francisco Abel Lopes

²¹ Em 1963, Mário Neves é eleito secretário permanente da Igreja Presbiteriana (Valente, 2004, p. 509)

²² Pastor F. Abel Lopes, reverendo da Igreja Metodista, foi o primeiro pastor da Igreja de Valdozende (Gerês), um curioso e raro caso demonstrativo das “possibilidades de recomposição da fidelidade religiosa numa sociedade crescentemente plural” (Santos, 2002, p. 419), onde uma pequena comunidade rural católica, por se ver “um rebanho sem pastor” e com graves dificuldades socio-económicas, convida a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa a lhes prestar assistência espiritual e se instalar no Lugar do Assento, o que acontece em 1971, com grande adesão inicial e, hoje, com uma comunidade alargada que conta também com o apoio das valências de solidariedade social. O contributo e figura de Francisco Abel Lopes são largamente reconhecidos, pela aldeia e pela autarquia de Terras do Bouro, dando nome à rua onde se encontra a igreja.

Consideramos pertinente dar a conhecer notas biográficas dos membros mais relevantes da equipa redatorial acima indicados, para conhecermos as personalidades que decidiram e influenciaram o caminho do PE e a sua comunidade de leitores. Embora a investigação tenha sido realizada, iremos produzir o texto e incluí-lo num trabalho posterior.

2.4. Mudanças nas secções

Fizemos o rastreio das secções existentes ao longo dos 50 anos de publicação em estudo, que consta da Apêndice 1, relativo a 484 edições.

Numa primeira fase, registámos uma coluna sempre que surgiu um título mais destacado ao longo do texto; no final da recolha dos dados referentes a todas as edições do período em estudo, fizemos uma seleção das colunas que considerámos como sendo secções. Para isso, estabelecemos como critério “Secção”, aquelas que atingissem frequência igual ou superior a 4.

Assim, na tabela geral final (Apêndice 1) existem registos de 32 secções com frequências entre 4 e 464. Na tabela abaixo, que mostra, por ordem descendente, as frequências destas secções identificadas ao longo dos primeiros 50 anos de publicação do *Portugal Evangélico*, foi incluída ainda a secção “Imprensa” (PE, ano 41, n^os 486/487 e 488/489), pelo interesse específico para uma dissertação e contexto de Ciências da Comunicação.

Uma vez que constatámos uma grande disparidade de frequência entre as 32 secções, considerámos pertinente analisar apenas aquelas com frequência superior a 10%. Verificamos pelo quadro abaixo, que apenas de 4,71% das secções cumprem este critério, demonstrando uma grande volatilidade no estabelecimento de colunas regulares. Poderá tratar-se de evidência da pouca relevância atribuída pelos Diretor e/ou/Redator, ou pelo contrário, ao facto de os colaboradores não corresponderem à exigência de um compromisso sistemática, ou ainda, ao facto de os elementos que colaboravam com o jornal acumularem outras funções na igreja e/ ou terem vidas profissionais distintas.

Tabela 6 - Frequência das Secções identificadas no *Portugal Evangélico*, entre 1920 e 1970, por ordem decrescente.

Secção	Frequência	Frequência relativa	
SEC 1	SEC Carteira Íntima	438	90,5%
SEC 3	SEC Informando	438	90,5%
SEC 2	SEC Colaboração Feminina	196	40,5%
SEC 6	SEC Publicações	147	30,4%
SEC 7	SEC Rosas de Saron	75	15,5%
SEC 13	SEC De mim para vós	69	14,3%
SEC 5	SEC Bibliografia	62	12,8%
SEC 4	SEC Vida da Igreja	43	8,9%
SEC 23	Editorial	42	8,7%
SEC 21	SEC Colóquio	39	8,1%
SEC 14	SEC De toda a parte	32	6,6%
SEC 19	SEC Saiba que	26	5,4%
SEC 17	SEC O Mundo é a minha paróquia	25	5,2%
SEC 24	(Poesia)	24	5,0%
SEC 16	SEC Notícias da Igreja Presbiteriana	22	4,5%
SEC 20	SEC Rosa dos Ventos	19	3,9%
SEC 15	SEC A verdade em Amor	18	3,7%
SEC 9	SEC Pelas nossas Escolas	17	3,5%
SEC 10	SEC Notícias das Igrejas	15	3,1%
SEC 26	SEC Livros	11	2,3%
SEC 12	SEC Noticias do Ultramar	10	2,1%
SEC 8	SEC Obra escolar da nossa Igreja	9	1,9%
SEC 18	SEC Coluna Literária	8	1,7%
SEC 25	SEC Rostos que vi mãos que apertei	7	1,4%
SEC 30	SEC A nossa capa	7	1,4%
SEC 31	Carta do Superintendente	7	1,4%
SEC 11	SEC A voz dos Novos	5	1,0%
SEC 27	SEC Quer saber	5	1,0%
SEC 29	SEC Portugal Evangélico	5	1,0%
SEC 28	SEC Biografia Bíblica	4	0,8%
SEC 32	SEC Doutrinação, Sermões, Estudos Bíblicos	4	0,8%
SEC 33	SEC Meditando	4	0,8%
SEC 22	SEC Imprensa	3	0,6%

A SEC 1 e a SEC 3 evidenciam uma frequência superior a 90%, ao longo dos 50 anos em estudo, e são, portanto, de forma destacada, as secções com maior longevidade (maior frequência ao longo do tempo). Serão estas alvo de um olhar e análise mais próximos, de seguida.

A. “Carteira Íntima”

A secção “Carteira Íntima”, presente desde o primeiro número do *Portugal Evangélico*, constituindo como vimos, uma das secções com maior longevidade no período do estudo (90,5% de frequência nos exemplares abrangidos).

Esta secção agrega pequenas notícias ou notas informativas que noticiam acontecimentos da vida pessoal de membros da comunidade (como batismos, casamentos, falecimentos e funerais e mesmo o adoecimento de um “querido irmão e abençoado evangelista”. (PE, ano I, nº1, p. 3) – num verdadeiro exercício de partilha e proximidade da comunidade.

Esta secção mostra-se de grande interesse alargado, uma vez que não só pode ser feito um historial dos membros de cada igreja (os batismos de sacramento, de incorporação na fé e na Igreja), como nela se podem pesquisar genealogias, e reconstituir histórias familiares de membros da Igreja ou dos alunos que frequentaram as Escolas das igrejas metodistas no Porto.

O “Informando”

Uma outra secção longeva, “Informando”, abarca as notícias da comunidade metodista portuguesa, tanto nacional como as comunidades locais, onde estavam instaladas as várias igrejas, através de relatos ou apontamentos sobre: a) variadas entidades e organismos evangélicos (como Triângulo Vermelho, Aliança Evangélica Portuguesa, ACM, Liga Juvenil, Sociedade do Esforço Cristão, Uniões Femininas, ...), assim como pequenos grupos informais (por exemplo, as “Dorcas” que costuravam vestuário para os mais necessitados); b) as Escolas – tanto a “escola regular”, como as escolas dominicais, (aprovações, resultados anuais, aniversários,...); c) referências a órgãos e artigos da imprensa evangélica, que citavam o PE ou que com ele se correspondiam (estrangeiros e nacionais, como por ex. o centenário Expositor Cristão (Brasil, 1886-) ou A Voz da Madeira).

Encontramos ainda relatos de atividades de carácter social, como as visitas na época natalícia aos mais desfavorecidos ou desamparados no Porto, em dezembro de 1921, reportada na edição do *Portugal Evangélico* de janeiro de 1922 (PE nº 16, p. 3), onde se

registam as ofertas e as instituições visitadas – o Asilo de Mendicidade; os Albergues Nocturnos; a Cadeia da Relação; o Instituto de Cegos – mas também as impressões dos intervenientes, visitantes e visitados.

3. Discurso do *Portugal Evangélico* sobre jornalismo

No período em análise, encontramos por várias vezes, textos que opinam sobre jornalismo, quer o jornalismo praticado numa dada época, quer, em específico, considerações sobre o jornalismo de natureza religiosa, evangélica no caso.

As tomadas de posição, refletem as linhas orientadoras desejáveis para o próprio jornal e para as pessoas que desempenhassem um cargo, em especial os autores dos textos publicados.

Selecionámos alguns textos exemplificativos, com autor identificado, que nos transmitem o discurso crítico do *Portugal Evangélico* sobre a prática jornalística da época, assim como princípios e objetivos.

Creemos que estes textos são reveladores e de relevância tanto para a história do Portugal Evangélico, explicitando as perspetivas que orientaram a sua publicação e conteúdos, nos períodos que são redatores o rev. J. A. Fernandes e Rev. Ireneu Cunha (autores dos textos), como para a história da imprensa portuguesa, em especial, a evangélica.

3.1 O Código de Harding

O nome de Warren G. Harding (1865-1923), 28º presidente norte-americano, jornalista e proprietário do *Marion Star* (1877 –) surge referenciado em três artigos de três edições diferentes do *Portugal Evangélico*, na sua qualidade de jornalista e autor do “Código de Harding”. Creemos ser fundamental fazer aqui este destaque para uma maior compreensão do que guiava o PE editorialmente. De facto, nas três situações são expressas opiniões muito favoráveis e apologéticas do Código, sendo mesmo tomado como código de conduta jornalística do próprio PE. Ainda, a propósito do que deveria ser, seguindo como princípios éticos, morais e deontológicos, o redator vai referir-se ao que entende serem maus exemplos.

Texto 1.

Em setembro de 1923, o redator José A. Fernandes, assinava o artigo que ocupa praticamente a primeira página sob o título “O Presidente Harding no Jornalismo” (PE, Ano IV, nº 36-37, setembro 1923, p.1), onde, a propósito da sua morte, cerca de um mês antes, relembra o Código que o presidente, enquanto jovem jornalista e proprietário do jornal local *Marion Star* tinha criado para que fosse praticado por todos os colaboradores da redação.

Iniciando o artigo com notas biográficas de Harding – que será elogiado ao longo de todo o texto – J. Fernandes aproveita para dar a conhecer um pouco dos bastidores do jornal, descrevendo como Harding percorreu uma série de funções no ciclo de produção do jornal e que, aos 19 anos, após trabalhar nas “oficinas tipográficas”, adquiriu o jornal local *Marion Star* onde foi “o único editor, redator, compositor e impressor” durante algum tempo. A razão para o evocar é mais relevante, esclarece:

“Mas o que para nós tem um valor enorme, sendo isso até o que principalmente nos levou a trazer Harding para as colunas do *Portugal*, é um Código dos Repórteres que ele organisára [sic] para uso dos seus camaradas, na *Marion Star*. Desse Código é-nos impossível resistir ao desejo de verter para aqui ao menos os seguintes artigos:

- Lembra-te de que toda a questão tem dois lados. Apropria-te bem de ambos.
- Sê verdadeiro. Aprende os factos. Erros, inexactidões são inevitáveis; mas põe todo o teu empenho em seres absolutamente exacto.
- Sê decente; sê leal; sê generoso. Louva o bem de preferência a denunciares o mal. Em todas as pessoas há alguma coisa boa. Salieta isso que é bom e nunca, sem necessidade, ofendas os sentimentos de quem quer que seja.
- Ao dares o extracto duma reunião política, apresenta os factos; dize como as coisas se passaram e não como quererias que elas se tivessem passado. Trata todos os partidos com a mesma lealdade. Para fazeres valer as tuas opiniões políticas tens as colunas editoriaes.
- Não havendo necessidade, evita a ignominia do homem, da mulher ou da creança inocente, pela publicidade de faltas ou infelicidades de uma pessoa de família.
- Nunca esperes que te roguem para fazeres o que deves. Mas sobretudo sê limpo, nunca consentindo que seja convertida em tipo nenhuma história ou palavra suja. É meu

empenho que *Marion Star* seja de tal forma conduzida, que possa entrar em qualquer lar sem receio de ir ofender a inocência de qualquer crença que lá houver.”

Não só o autor vai continuar com o discurso elogioso sobre os princípios orientadores de Harding, como acrescenta um comentário irónico, depreciativo, expressando a sua visão sobre quem e o que se escrevia nos jornais da época, no início dos anos 20 do sec. XX:

“Como se vê, é este código a equidade e o senso comum em carne e osso, e duma simplicidade por assim dizer infantil; e, entretanto, impô-lo em Portugal o mesmo seria, quanto a nós, que decretar a extinção da imprensa, porque quasi temos o pressentimento de que jornalismo em harmonia com as suas disposições, ninguém entre nós o saberia fazer.”

José Fernandes vai lembrar e relevar o papel do jornalismo, de educação e orientação, mantendo a sua interpretação e visão crítica:

“Este código necessariamente pressupõe uma tarefa a tarefa de educar e orientar aquelas classes de que a imprensa vive e para as quaes, portanto, deve viver também. Ora tentativa duma semelhante missão pelo jornalismo, nunca em Portugal se lançou, ao menos de geito e modo a ser vista por todos.”

Relevante para conhecermos um pouco mais do posicionamento do PE, sob orientação deste redator, é vermos também destacadas a superação das tendências naturais e a ligação do divino, como as características do ideal e exemplo a seguir (para além dos valores da equidade e do senso comum):

“E então que título sugestivo encontrou Harding (...): *Marion Star* – Estrela de Marion, (...) Um jornal assim, obedecendo àqueles princípios simples, está, como as estrelas, sempre acima das nossas tendências naturaes. Para o fitar temos de erguer os olhos, isto é, temos de nos elevar.”

“Os nossos leitores não vão tomar à conta de presunção estulta o terminarmos estas singelas considerações sobre Harding e a sua Estrela, ligando-as com o terceiro aniversario do *Portugal Evangélico* (...) Importa muito que o nosso jornalzinho suba, e isso nunca será possível sem a contemplação e o desejo das alturas. Por isso as temos estado a contemplar na Estrela de *Marion* e em seu honesto mentor.”

E acrescenta que “não são os ideais servidos pelo *Portugal Evangélico* menos nobres que os da sua *Marion Star* e o que pedimos a Deus é que nesta tarefa em que Ele nos empenhou, nos dê alguma coisa da decisão do homem forte (...)”.

Texto 2.

A referência de Warren Harding e o seu Código continuam bem presentes, surgindo no número seguinte, na edição de novembro de 1923, com o artigo “A necessidade do Código de Harding sobre jornalismo!” (Ano IV, nº 28, outubro de 1923, p. 3), um artigo não assinado, a propósito de um outro artigo pelo *A Verdade*²³, publicação com a qual o PE estabelecia permuta. O autor reitera, com breves afirmações, mas valendo-se da evidência dos princípios enunciados por Harding, a reprovação de uma atitude mais agressiva nas páginas dos jornais:

“Cremos que o melhor comentário a esta triste miséria é o Código dos jornalistas que o falecido Harding elaborou para uso próprio e dos seus camaradas na *Marion Star* e que veio publicado e comentado em nosso editorial do número passado. Vale a pena reproduzi-lo outra vez. Faz-nos bem a nós e talvez, se não ao autor daquela miséria, ao menos a quem lha consentiu nas colunas d’*A Verdade*. Ei-lo (...)”

Embora sem assinatura, cremos bastante provável que o autor seja também José A. Fernandes, repetindo a publicação dos artigos do “código de Harding”, que enfatizam a objetividade, a procura da verdade, o rigor, a ética, e a apologia da generosidade (característica cristã), como constatamos na citação do texto anterior (Texto 1),

Texto 3.

Harding, o seu código e, mesmo, a transcrição extensa do artigo de setembro de 1923, voltam a ser publicados e reiterada a sua apologia por J. A. Fernandes no final de um artigo que ocupa, de novo, a totalidade da primeira página do *Portugal Evangélico* em fevereiro de 1929, intitulado “Jornalismo Evangélico” (PE, ano IX, nº 101, p. 1-2), sobre o qual nos debruçaremos de seguida e cujo texto transcrito pode ser lido na íntegra no Anexo 1.

²³ Quinzenário católico e monárquico, publicado em Lisboa (Baptista & Sousa, 2020)

Este texto, no entanto, revela-se de particular importância, uma vez que J. A. Fernandes vai concentrar neste texto as linhas orientadoras da sua atividade de Redator do PE e jornalista. Além dos princípios bebidos do “Código”, acrescenta duas perspectivas até aqui não enunciadas: as características necessárias a um jornalista para exercer o seu trabalho e questionar sobre o papel que ocupa ou deve ocupar o jornalismo evangélico.

Ao tecer considerações sobre os requisitos de um jornalista, Fernandes vai referir-se a nomes de jornalistas (ou homens de letras) que considera relevantes, com “talento inato”. São eles: José Agostinho de Macedo, Alexandre Herculano, Rodrigues Sampaio, Soromenho, Rodrigo de Magalhães, Emidio Navarro, Mariano de Carvalho, José Maria de Alpoim, João Chagas, Moreira de Almeida. J. Fernandes vai referir ainda Martins de Carvalho, Sampaio Bruno e José Caldas como “modelos de lealdade diante dos quais todos temos de nos curvar reverentes, e que já nos ajudariam imenso ainda que só servissem para nos dizer que um grande talento não é incompatível com um grande carácter” (PE, ano I, nº 101, p.1)

Num texto que desafia a sua leitura pelo tom irónico adotado aqui e ali, J. A. Fernandes indica dois requisitos considerados como essenciais para um bom jornalista: o talento e a vivacidade e ardor combativo. A estes requisitos, J. Fernandes responde de forma clara e reveladora da fórmula que considera a adequada, a seguir: “O crente tem obrigação de saber que jeito para a pena e barulho não bastam em jornalismo que desfralde a bandeira dum ideal.” E acrescenta, apontando o caminho: “a probidade intelectual e moral, a lealdade, e acima de tudo, o desejo sincero de inculcar os altos ideais de verdade, de justiça e de amor” devem presidir à execução de um jornal, caso contrário “embora grite e proclame princípios, não vale a tinta consumida, e o dinheiro que nele se emprega seria imensamente mais abençoado gasto em brita para estradas.” (PE, ano I, nº1, p. 1).

Também de relevância se questiona e discute a missão do jornalismo evangélico e o lugar que ocupa, resumindo desta forma clara, a motivação e o propósito do jornalismo evangélico:

“Eis, portanto, a nossa missão, se é que alguma missão temos no jornalismo português: manifestar na arena da imprensa, e desde a primeira à última linha, o carácter do Mestre a Quem servimos. Não custa nada imaginar a descoberta portentosa de Gutenberg recuada dois milénios e em plena florescência na Palestina ao tempo de Jesus e Jesus

servindo-se dela. Não custa nada imaginar também o resto, e seguir para a frente naquelas pisadas.” (PE, ano I, nº 101, p. 1)

Podemos sistematizar então o que, segundo J. A. Fernandes, e não excluindo o talento, deve ser orientador e presente na imprensa evangélica:

- a integridade intelectual e moral,
- a lealdade,
- o desejo sincero de inculcar os altos ideais de verdade, de justiça e de amor
- Manifestar na imprensa, o carácter cristão

3.2 Os objetivos da imprensa evangélica portuguesa

No contexto da realização do I Congresso de Imprensa Evangélica Portuguesa, em 1961, o diretor do *Portugal Evangélico*, Rev. Ireneu Cunha, é convidado a proferir uma comunicação sobre o tema “A missão da Imprensa Evangélica”. Na edição de novembro/dezembro de desse ano, o PE inclui uma reportagem sobre o Congresso promovido pelo periódico *O Semeador Baptista*, em Lisboa, entre 20 e 22 de novembro e do qual faz parte o texto “Os Objectivos da Imprensa Portuguesa” (PE, ano XLII, nº 493/494, pp.13-14), com a indicação de se tratar um excerto da palestra do Rev. Ireneu Cunha (texto integral transcrito no Anexo 2).

São seis, os objetivos que a imprensa evangélica deve perseguir, enunciados por Ireneu Cunha e que, parece-nos, reforça o meio como um instrumento ao serviço da igreja e da evangelização, sendo os objetivos de uma o reflexo da outra:

- 1º Divulgar a Verdade Evangélica;
- 2º Formar uma consciência evangélica ao nível nacional;
- 3º (Para isso) a imprensa evangélica terá de ser imprensa;
- 4º Ser interprete do ideal cristão aplicado à imprensa ou ao cultivo das letras.

5º a imprensa evangélica deve informar com exatidão “fazendo a crônica necessária do esforço da evangelização nacional e da formação da comunidade evangélica”

6º a imprensa deve ser um meio de expressão “do que melhor tivermos no campo do pensamento, sob qualquer aspecto e não somente no religioso”.

O primeiro objetivo, de evangelização, lembra-nos a intenção com que foi criado o *Portugal Evangélico*, a de alcançar um Portugal evangélico, como o próprio nome o diz, ou seja, estabelecendo o país como campo para a disseminação da crença em Deus, na muitas vezes enunciada fé verdadeira, acreditando, aqui como então, que as pessoas estão sedentas dessa mensagem. O próprio autor enuncia este objetivo como o de “difusão”. Também neste ponto vemos reforçada a ideia e boa esperança no jornal como “o melhor meio para isso” e acrescenta as características que convêm ao objetivo: “um jornal tem personalidade, responsabilidade, é alguma coisa séria, legalizada”, ao invés, o folheto “pode ser muito bom, mas tem aceitação menos espontânea”. Este é também um objetivo exposto como desafio (todos o são, como veremos), afirmando haver no jornalismo uma oportunidade cujo potencial não foi ainda convenientemente explorado.

O segundo objetivo podemos dizer que se trata de entrosamento e união da comunidade evangélica, na medida em que Ireneu Cunha apela à formação de uma consciência evangélica que não se limita em cada igreja, mas na transversalidade. Nesse sentido, o desejo de um jornal que agregasse as várias denominações, com a confiança de todos “penetrar em todas as denominações com o beneplácito dos seus dirigentes” seria um passo importante “para a consciencialização da nossa gente e para séria confrontação com o problema religioso nacional.”. Um jornal seria o meio para observar e ser observado, apresentando o “ponto de vista cristão reformado sobre os grandes problemas da nação e da humanidade, para impedir ao menos que os nossos venham a alinhar com aqueles que não estejam em consonância connosco nem com a nossa mensagem.”

Com o objetivo de que a imprensa evangélica terá de ser imprensa, I. Cunha apela a que se comunique para fora, se faça “debruçar sobre o mundo e sobre o homem” e não se acomodar em falar “para os da casa, em constante monólogo.”. Afirma este fator como determinante: “Como jornalistas, ainda que amadores temos de o fazer. Sem isso não haverá jornalismo nem imprensa digna desse nome. (...) Precisamos de atualidade e vida, interesse, para podermos, ainda que limitadamente, incidir sobre o grande público.”

A imprensa evangélica deve, portanto, realizar o “ideal cristão aplicado à imprensa”, provando que “o jornalista não necessita de falsear nem mentir, lisonjear nem adular”, por outras palavras “revelar carácter, e criar carácter”,

No 5º objetivo, recupera-se a ideia da divulgação do esforço evangélico e da formação da comunidade evangélica, enunciado no primeiro ponto, frisando a necessidade de “arejar métodos e rasgar horizontes. E termina, reforçando o aspeto interventivo de, a imprensa evangélica, “ser expressão do melhor que tivermos no campo do pensamento”, não só religioso, revelando e afirmando assim valores – recuperando a noção de ideal cristão na imprensa referido no objetivo quatro.

Notamos que as noções da imprensa como meio de evangelização e aglutinador partilhado de uma comunidade são os dois objetivos expressos por dois pontos iniciais e que o próprio *Portugal Evangélico* persegue.

Creemos que os desafios que identificamos nos objetivos lançados por Ireneu Cunha à imprensa evangélica são intemporais e transversais à imprensa de carácter religioso: a disseminação da Palavra e da sua crença; o reforço da ligação, partilha e pertença entre a comunidade que integra; o estabelecimento de pontes com os pares (comunidades afins); a expressão da perspetiva idiossincrática sobre o mundo e a melhoria de técnicas e estratégias, nomeadamente através da profissionalização. Será, pois, importante “discutir, avaliar e realizar” todos estes aspetos para o real exercício do “Apostolado da Imprensa.” a que a imprensa evangélica se propõe.

3.3 Para o centenário do *Portugal Evangélico*

Enquadrando-se no discurso de diretores do *Portugal Evangélico* sobre a publicação, e jornalismo evangélico, não poderíamos deixar de incluir neste trabalho – e assim registar formalmente e em suporte, de alguma forma mais perene – o texto “Para o centenário do Portugal Evangélico” da autoria do Bispo Emérito Ireneu Cunha (2020), antigo colaborador (entre 1956-2004), diretor e redator do PE, por ocasião dos 100 anos de vida da publicação, e cuja transcrição se encontra no Anexo 3.

Apesar de não estar publicado nas páginas do PE, o texto “Para o centenário do Portugal Evangélico” (Cunha, 2020) foi escrito com essa intenção, de integrar as páginas da edição comemorativa do centenário, e é um testemunho na primeira pessoa, de um participante direto e influente, prolongado, o que constitui por si, um importante documento.

A presença deste texto cumpre timidamente uma das ideias originais para a investigação, que seria a tomada de declarações, sob a forma de entrevista, junto de colaboradores mais antigos do PE – memória viva sobre a publicação – que, apesar da idade bastante avançada se disponibilizassem a fazê-lo, e que poderiam explicar algumas alterações ou descontinuidades detetadas no percurso do PE. Tal ideia foi abandonada devido ao contexto pandémico e debilidade da saúde do entrevistado.

Fazendo um périplo biográfico e breve pela história da publicação, verificamos uma feliz coincidência na escolha dos textos que também para nós pareceram mais relevantes no percurso do PE. Refere-se ao contexto, motivação e objetivos da criação do *Portugal Evangélico*, citando igualmente a evidência firme do nome – o alcance de um Portugal evangelizado: “O “Portugal Evangélico” queria ser o instrumento impresso protestante da renovação e restauração ansiadas, e como tal se apresentava” (Cunha, 2020). Também no seu testemunho encontramos refletida a questão de acumulação de cargos de funções que notamos anteriormente: “Nele deixei exarados o que de melhor sabia e podia transmitir pela escrita, em editoriais, colunas de opinião, comentários, poesias e notícias”.

O nonagenário Bispo Ireneu termina o seu texto com um desafio, em plena coerência com os seus textos escritos no PE e com os textos que no PE foram outros a escrever, cumprindo o propósito identitário, evangelizador e comunitário que reconhecemos no *Portugal Evangélico*:

“Deixo-vos, contudo, um desafio, que espero venha um dia a ser atendido: pegai numa coleção do “PE”, lede, examinai, avaliai tudo o que nessas páginas foi registado desde o seu início, e tirai a conclusão: este é ou não é um dos mais valiosos legados que a Igreja Metodista fez ao evangelismo no nosso amado Portugal?

Ao longo dos seus quase 100 anos de publicação ininterrupta quantas vidas terão sido por ele tocadas e orientadas para Cristo? Só Deus o sabe e é um segredo está bem entregue!” (Cunha, 2020)

Conclusões

Continuidade e permanência

Creemos que o segredo da longevidade de uma publicação tão particular e específica como o *Portugal Evangélico*, se deve à sua permanência, por um lado – a sua fidelidade à vocação e missão evangelizadora e pauta cristã, desde o primeiro dia (se bem com tom diferente): levar o que considera ser a verdade da fé, segundo os princípios evangélicos, manutenção do posicionamento como órgão oficial de uma igreja que tutela uma comunidade, tanto estruturalmente como em termos de orientação espiritual – e, por outro lado, a sua dinâmica, que se reflete na atualidade dos assuntos que traz para as suas páginas, com artigos de fundo, documentados no referente maior da Bíblia ou assumidamente opinativos. A natureza da fé é imutável, mas os tempos são outros, instigando mudanças por motivo de transformações sociais e avanços tecnológicos.

Podemos verificar que durante as primeiras décadas, a publicação se apresenta muito estável, mudando apenas o necessário, e mantendo-se atual, numa atitude “mutatis mutandis”, ou seja, a adaptação pode ocorrer, mas de forma cautelosa. A transformação mais evidente dá-se com a entrada, em maio de 1959, de Ireneu Cunha como Diretor e Redator. Não só o reverendo vai introduzir alterações no aspeto gráfico (um novo formato, a utilização de cor – janeiro de 1961 – e organização do conteúdo com sumário), mas também numa certa medida, “profissionalizar” o PE. Mais uma vez, ressaltando o âmago e missão da publicação e função da imprensa protestante. A inovação passa também por haver um pensamento e discurso formal sobre o jornalismo evangélico, que Ireneu Cunha expressa na I Conferência da Imprensa Evangélica Portuguesa, em 1961 e que é publicado no *Portugal Evangélico* nº 493/ 494, de novembro/ dezembro do mesmo ano.

No período em análise, a publicação não foi imune, como nenhum órgão de imprensa, a interferências quer internas como externas. Por um lado, a segurança no trabalho de direção desempenhado por um líder da Igreja sua proprietária (os cargos dirigentes no *Portugal Evangélico* era assumido por reverendos e mesmo o superintendente da igreja nacional), com o peso do cumprimento do compromisso de cuidado do rebanho e as

obrigações institucionais, pode revelar-se uma característica desvantajosa: a acumulação de trabalho comprometeu várias vezes o cumprimento de prazos na distribuição, e detetámos a assunção, em dado período, por uma só voz, sobre grande parte do conteúdo veiculado. Também neste sentido, o tamanho da equipa do *Portugal Evangélico*, administrativa e redatorial, apresenta desafios, com a acumulação por uma mesma pessoa de diversas funções.

Por outro lado, o período histórico do Estado Novo, com a imposição da censura prévia e a desconfiança face à igreja não-católica, o não seguir o modelo de atuação social visado, teria consequências, como a suspensão de publicação, embora por breve período (no material que investigámos até ao momento, terá sucedido apenas uma vez).

Após as primeiras décadas de crescimento paralelo, tanto do PE como da comunidade, Igreja, com a morte de Alfredo H. da Silva (1950) – à data, Superintendente da Igreja nacional – trouxe alguma instabilidade na estrutura da igreja e o próprio periódico dará sinais disso, mesmo que não muito evidente.

A natureza e génese do *Portugal Evangélico* são em si demonstrativas da publicação como meio doutrinário e de vínculo comunitário. Nasce como parte essencial de uma Campanha de Evangelização do país, missão declaradamente assumida no primeiro número publicado (outubro de 1920). Ao longo do percurso que acompanhamos e mesmo na sua razão de criação e missão, vemos evidenciado o PE como veículo de evangelização e de ligação comunitária, uma comunidade de fé interconfessional (não só metodista), que se revê e participa no próprio jornal, às vezes criticamente, como verificamos com a constante correspondência para a redação, ou a criação formal de uma “página aberta ao *Colóquio* com todos aqueles que quiserem escrever-nos manifestando o seu apreço, crítica, sugestões, etc. acerca do *Portugal* e da colaboração que insere nas suas páginas” (PE, ano XLI, nº 486/ 487, de março/abril 1961, p. 2), por exemplo.

A nossa abordagem focou-se mais da “forma” do que no “conteúdo” da publicação, como forma de identificar arritmias e continuidade de forma evidente, neste sentido, o presente trabalho constitui uma parte de uma análise comunicacional mais completa face ao periódico em causa. O PE, dada a rede múltipla de ligações institucionais que tece com uma plêiade de organizações do mundo evangélico/ protestante nacionais, algumas delas

com um impacto significativo na cidade do Porto e não só – como é o caso das escolas para crianças e adultos – presta-se a uma exploração rica e multidisciplinar futura.

Na nossa análise, uma informação que seria essencial para avaliar o percurso do *Portugal Evangélico* e de que, até ao momento, não conseguimos obter registo, de forma direta ou cruzada, é o número de exemplares impressos em cada edição ou a tiragem acumulada anualmente.

Registamos o facto de a História do Metodismo em Portugal do séc. XX não ter um tomo que a agregue e escreva diacronicamente (ao contrário das suas origens e percurso até 1900, coligida de forma detalhada no livro de Albert Aspey, 1971), encontrando nós pequenos textos avulsos e dispersos, em forma de folheto, e uma tentativa investigativa séria e extensa, por ocasião da exposição celebrativa do 140º aniversário da IEMP (2011), com base no PE, mas de que não resultou uma publicação. Ora, é também no *Portugal Evangélico*, enquanto mensário e registo das ideias e dos factos históricos quotidianos e marcantes da comunidade metodista e evangélica (nacional e mesmo estrangeira) que a História do Metodismo e do Protestantismo em Portugal se escreve. Esperamos que também aqui tenhamos contribuído de alguma forma, lembrando o recurso rico que constitui uma publicação periódica e de cariz jornalístico, naturalmente, em concreto esta, e apontando para a sua valorização e preservação.

Gostaríamos de incluir num próximo trabalho uma compilação dos títulos de trabalhos de investigação que abordam este tema, mesmo que em parte – neste momento, informação mais ou menos dispersa, devido à sua produção em âmbitos académicos distintos, entre as Ciências da Educação, História e Ciências Religiosas, e nem tanto das Ciências da Comunicação ou Estudos Mediáticos – com que nos fomos cruzando, que consideramos ser contributo útil, e que tencionamos continuar a pesquisar, contribuindo também assim para uma perspetivação sobre a investigação realizada até agora.

Creemos que os objetivos a que nos votámos no início desta investigação estão alcançados na sua generalidade, ou seja, cremos que os dados que recolhemos, de forma sistematizada e a investigação e reunião de informação de origem diversa, em arquivos, como os documentos oficiais do Secretariado Nacional de Informação/ Direção Geral de Censura na Torre do Tombo (recentemente disponibilizados) e, da Assembleia da

República e na imensidão inexplorada do próprio *Portugal Evangélico*, será útil. Temos consciência, no entanto, que muito beneficiaríamos – nós e os que nos lerem porventura – se tivéssemos abordado mais elementos de análise e levássemos a cabo o seu cruzamento – tarefa que exige mais tempo para além dos compromissos a que estamos obrigados com a conclusão atempada desta dissertação. O trabalho realizado não cumpriu todos os objetivos a que nos propusemos no início deste processo, tendo que a determinado momento ser reavaliado, uma vez que o manancial de informação e o tempo despendido foi efetivamente superior ao esperado, nomeadamente em relação à riqueza dos dados e leituras cruzadas de contextualização que levamos a cabo. Assim, a análise desenvolvida focou-se na constituição dos cargos dirigentes e redatoriais do PE e nas Secções identificadas no período em estudo.

Um aspeto que condicionou o andamento desta dissertação foi precisamente o facto de a recolha de informação ter exigido um período dilatado para a sua conclusão, em primeiro lugar pela escassez de fontes sobre a publicação em si e seus colaboradores fora do próprio PE, e, um fator afim, o facto de lidarmos com documentos/ fontes primárias. A base de dados que constituímos no processo deste trabalho serve de base, como o próprio nome diz, para variadas análises possíveis e que ainda não foram exploradas, assim como a sua sistematização pode em si constituir ponto de partida para levantamento de novas perguntas.

Acreditamos que algumas das informações inéditas (tanto quanto sabemos) que aqui e ali introduzimos, a partir do próprio discurso da publicação, e sobre ela, podem suscitar interesse para um campo de investigação ainda pouco explorado como é o da imprensa protestante portuguesa.

É também este o desafio assumido desde o início: de fazer um caminho mais longo e aprofundado a partir desta investigação, necessária e indispensável, para uma futura abordagem de análise de conteúdo e consequente análise semiótica-sociológica, sobre as perceções e o diálogo (rico) entre leitor e periódico, assim como, a partir desta sistematização, permitir uma orientação e opções dos caminhos investigativos a seguir, que contamos poder partilhar e realizar.

“Para mim a História não é a comemoração do passado, mas uma forma de interpretar o presente. Ao descobrir a relação entre o ontem e o hoje, creio poder decifrar a ordem

possível do mundo, imaginária, porventura, mas indispensável à minha própria sobrevivência, para não me diluir a mim mesmo no caos de um mundo fenomenal, sem referências nem sentido.” (Mattoso, 2019, p. 22)

Bibliografia e Fontes

Bibliografia

Afonso, J. A., 2009. *Protestantismo e Educação: história de um projecto pedagógico alternativo em Portugal na transição do séc. XX*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho. <http://hdl.handle.net/10451/5784>

Afonso, J. A., 2011. Escolas protestantes: dispositivos de inserção e regeneração. Em: A. M. Ferreira & J. M. Almeida, edits. *Religião e cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*. Lisboa: CEHR - Universidade Católica Portuguesa, pp. 547-565. <http://hdl.handle.net/1822/21227>

Afonso, J. A., 2014. Representações da infância e da juventude na imprensa infanto-juvenil protestante portuguesa na transição do séc. XIX - uma leitura do Amigo da Infância (1874-1940). Em: J. S. Morais, R. Silva, R. Lima & T. Santos, edits. *Secularidades e confessionalidades na História da Educação Contemporânea*. João Pessoa: Sal da Terra, pp. 87-106. <http://hdl.handle.net/1822/32511>

Afonso, J. A. & Silva, A. M., 2016. Circulação e internacionalização do projeto cultural protestante na lusofonia. Um apontamento sobre a receção dos periódicos brasileiros nos primeiros 50 anos da imprensa periódica lusitana (1877-1925). Em: *Atas XI COLHUBE*. Porto: CITCEM - Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Alves, J. F., Pereira, J. M. & Alves, L. M., 2013. *ISCAP - Sob o prisma da História*. Matosinhos: ISCAP Instituto de Contabilidade e Administração do Porto.

Alves, P., 2012. *A imprensa católica na Primeira República*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Aspey, A., 1971. *Por este caminho*. Porto: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa.

Baptista, C. & Sousa, J. P. edits., 2020. *Para uma História do Jornalismo em Portugal*. Lisboa: ICNova. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/e-book-para-uma-historia-do-jornalismo-em-portugal/>

- Barbosa, M., 2005. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. *Contracampo*, 12(1). <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17385>
- Bardin, L., 2004. *Análise de conteúdo*. 3ª ed. Lisboa: Edições 70.
- Branco, P., 2006. Subsídios para uma bibliografia do Protestantismo no Espaço Lusófono. *Revista Lusófona de Ciência das Religiões*, V(9/ 10), pp. 55-73.
- Cavaco, T., 2012. *Periódicos infantis no protestantismo nascente: o Raio de Sol*. Jornadas Crenças e Dinâmicas Sociais na Época Contemporânea. Lisboa. CEHR- Universidade Católica Portuguesa
- Cunha, I., 2020. *Para o centenário do "Portugal Evangélico"*. [Online] Available at: https://www.facebook.com/permalink.php?story_fbid=1125028934566951&id=100011795641761 [Acedido em 16 10 2020].
- Cunha, I. S., 2020. *Desfolhando vida*, Porto: Igreja Evangélica Metodista Portuguesa.
- Fonseca, P., 2015. *Bancos de Igreja: de esquecidos, a estranhamente aquecidos*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- ICNOVA, s.d. *HistJor.pt - Para uma história do jornalismo em Portugal*. [Online] Available at: <https://www.histjorn.fcsh.unl.pt/>[Acedido em 01 2021].
- Leite, R. M., 2009. *Representações do Protestantismo na Sociedade Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: CEHR-UCP.
- Leite, R. M., 2011. Duas militâncias evangélicas: Alfredo Henrique da Silva e Pedro Castro da Silveira. Em: A. M. Ferreira & J. M. Almeida, edits. *Religião e cidadania: protagonistas, motivações e dinâmicas sociais no contexto ibérico*. Lisboa: CEHR - Universidade Católica Portuguesa, pp. 195-211.
- Leite, R. M., 2017. *Texto e Autoridade. Diversificação sociocultural e religiosa com a Sociedade Bíblica em Portugal (1804-1940)*. [Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa]

Marujo, A., 2006. *O escocês perseguido na Madeira por causa da sua fé*. [Online] Available at: <https://www.publico.pt/2006/01/24/jornal/o-escocês-perseguido-na-madeira-por-causa-da-sua-fe-60020> [Acedido em 15 01 2021].

Mattoso, J., 2019. *A Escrita da História*. Lisboa: Temas e Debates.

Moreira, E., 1933. *The significance of Portugal. A survey of evangelical progress*. Londres: World Dominion Press.

Neto, V., 2010. A questão religiosa na Primeira República portuguesa. Em: A. Mourão & A. Gomes, edits. *A experiência da Primeira República no Brasil e em Portugal*. Coimbra: Imprensa Universidade de Coimbra, pp. 137-157.

Peixoto, F., 1999. O que se sabe e o que se procura sobre o protestantismo em Portugal. Em: *Lusotopie Dynamiques religieuses en lusophonie contemporaine*. Paris: Éditions Karthala, pp. 257-269.

Peixoto, F., 2018. *Diogo Cassels (1844-1923). A praxis ao serviço da Fé* -. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas.

Peixoto, M., 1986. *O Papagaio, revista miúda para miúdos: sua influência, ao serviço da Igreja, na formação ideológica-cultural da juventude dos anos 30-40*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Santos, L. A., 2001. Protestantismo. Em: *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 75-85.

Santos, L. A., 2002. A transformação do campo religioso português. Em: C. Azevedo & et al., edits. *História religiosa de Portugal*. Lisboa: Círculo dos Leitores, pp. 419-491.

Silva, A. M., 2005. A Reforma - o primeiro jornal evangélico português. *Revista de Portugal*, Issue 2, pp. 60-71.

Sousa, J. P., 2006. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. P., 2008. *Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa, perspectivas luso-brasileiras*. 2ª ed. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.

Sousa, J. P., 2021. *Portugal - Pequena História de um grande jornalismo I*. Lisboa: ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/hyc1-qblv>

Sousa, J. P. & Lima, H., 2021. Para uma periodização da História do Jornalismo em Portugal. Em: C. Baptista, J. P. Sousa & C. Azevedo, edits. *Para uma história do Jornalismo em Portugal III*. Lisboa: ICNOVA, pp. 10-32. ISBN: 978-989-54285-9-5. <https://www.icnova.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/sites/38/2020/05/Para-uma-histo%CC%81ria-do-jornalismo-em-Portugal-2020.pdf>

SPHP, s.d. *Sociedade Portuguesa da História do Protestantismo*. [Online] Available at: <https://sphp.pt/sociedade/apresentacao/>[Acedido em 09 09 2021].

Testa, M., 2005. *O Apóstolo da Madeira. Edição da Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal, Lisboa, 1963; 2ª edição, 2005..* 2ª ed. Lisboa: Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal.

Valente, D., 2004. Igreja Evangélica Presbiteriana de Portugal: contributo para a História da sua formação. *Lusitânia Sacra*, 2(16), pp. 477-510. <http://hdl.handle.net/10400.14/4498>

Vilaça, H., 2006. *Da Torre de Babel às terras prometidas: pluralismo religioso em Portugal*. Porto: Edições Afrontamento.

Vilaça, H. & Oliveira, M. J., 2019. *A religião no espaço público português*, Lisboa: INCM.

Periódicos:

Portugal Evangélico. Ano I, nº1, outubro de 1920 – Ano LI, nº 600/602, outubro/dezembro de 1970

Arquivos:

Arquivo Nacional Torre do Tombo [Online] Disponível em <https://antt.dglab.gov.pt/>

Arquivo Histórico Parlamentar [Online] Disponível em: <https://ahpweb.parlamento.pt>

Apêndices

Apêndice 1 - Tabela de registo de dados das edições dos primeiros 50 anos de publicação do *Portugal Evangélico* (1920 - 1970)

Anexos

Anexo 1 – “O Jornalismo Evangélico”²⁴ (Transcrição)

(Artigo publicado na edição do Portugal Evangélico nº 101, de 15 de fevereiro 1929 (PE, ano IX, nº 101, p. 1), da autoria de J. A. Fernandes.)

“O Jornalismo Evangélico”

Pelas tremendas possibilidades de ordem educativa que implica, o jornalismo é para nós uma coisa muito séria. O que não será então o jornalismo evangélico! Deixem, pois, todos os amigos que se entregam à labuta canseirosa da imprensa que, a propósito, aqui espanejemos algumas ideias velhas.

Por mais duma vez temos dito que a glória ou a responsabilidade do estado mental e moral dum povo livre cabe na sua maior parte aos órgãos chamados da opinião pública. E, pelo que respeita à nossa terra, ninguém negará que a imprensa é aquela grande Universidade de cujas cátedras qualquer bicho-careta ensina o que lhe ferve lá dentro, dando-se quasi sempre o caso interessante de estar o número de alunos na razão inversa dos méritos do professor. E' verdade que isto, por via de regra, se perpetra na mais alvar das Inocências; mas nem por isso deixam de se fazer sentir as suas desastradas consequências educativas. Vale a pena pensar nisto, buscando determinar, no meio desta confusão qual o posto que à imprensa evangélica cumpre ocupar e a atitude a assumir, de jeito a tornar se um valor que realmente conte, para o bem da pátria e diante de Deus.

Para esta determinação, e a fim de que o nosso concurso não venha a ser apenas mais um chumaço, convém naturalmente começar por ver quais são aquelas coisas em que o jornalismo português já superabunda, e quais as que lhe faltam, e que nós porventura estejamos em condições de lhe dar.

²⁴ Artigo originalmente publicado com o título no *Portugal Evangélico* nº 36-37 de setembro 1923, página.1 e republicado, com o título “Jornalismo evangélico”, na edição do *Portugal Evangélico* de 15 de fevereiro 1929 (PE, ano IX, nº 101, p. 1)

O primeiro requisito, o essencial, nem era preciso dizer-se: é o talento jornalístico, isto é, queda para a coisa. E quantos amigos à roda de nos estarão convencidos de que a idoneidade da Imprensa evangélica, para a tarefa que lhe é imposta, depende apenas de jeito para encher tiras de papel Coitados!

Damos graças a Deus pelos talentos, sobretudo entre os novos, que aqui e ali já refulgem nas fileiras do Evangelho, e que o nosso otimismo nos diz serem somente as primícias do muito que ainda havemos de ter. Mas não è fome disso que o jornalismo hoje padece ou padeceu jamais. Desde que lhe não exijam substância, o português já sente pruridos de jornalista e escritor consumado à leitura do sexto romance, e antes mesmo de encher o seu requerimento para ingressar no liceu. E faz mal quem sorri escarninho ao enunciado desta verdade. Justamente porque existem estas qualidades inatas, e que existe uma galeria de jornalistas em que fizeram José Agostinho de Macedo, Alexandre Herculano, Rodrigues Sampaio, Soromenho, Rodrigo de Magalhães, Emidio Navarro, Mariano de Carvalho, José Maria de Alpoim, João Chagas, Moreira de Almeida, etc., etc., o poderíamos citar outros tantos vivos que não desonram a memória dos mortos. É a simples verdade dizer que até aos jornais mais sertanejos que uma vez ou outra nos chegam às mãos, raras vezes deixamos de admirar o valor da pena que dirige.

Não, nunca seria por este lado que a falta da imprensa evangélica se havia de fazer sentir nas fileiras do jornalismo português.

Um outro requisito considerado também essencial por muitos é a vivacidade, o ardor combativo, e já um amigo nosso e crente muito sincero nos veio uma vez sugerir que o Portugal falasse um pouquinho mais alto. Ainda não estamos inteiramente convencidos dessa necessidade; mas o que já sabemos a valer é que não há no mundo jornalismo de mais rijos pulmões que o deste belo recantinho da Europa. Acresce ainda que ardor combativo, entre nós, é sinónimo de linguagem grosseira e má criação. Tem sido essa, de resto, a grande pecha (mas não a maior) de todos os jornais político-religiosos, a começar na Besta Esfolada do frade miguelista José Agostinho, e a acabar no furibundo Petardos do padre Benevenuto. Desde que o ultramontanismo foi esbulhado da prerrogativa de queimar os que não liam pela sua cartilha, nunca mais o pobresito [*sic*] deixou de berrar e berrar descompassadamente por meio da sua imprensa. E as vozes pouco harmoniosas

que de vez em quando nos chegam da imprensa puramente política são apenas o testemunho de que ela não escapou ao contágio do frade.

Por outras palavras: Jamais a alonia foi o fraco da imprensa da nossa terra. Bem ao contrário, a sua opulência em matéria de alarido põe-na amplamente a coberto da necessidade de qualquer óbulo do jornalismo cristão.

O crente tem obrigação de saber que jeito para a pena e barulho não bastam em jornalismo que desfralde a bandeira dum ideal. Se a probidade intelectual e moral, a lealdade, e acima de tudo, o desejo sincero de inculcar os altos ideais de verdade, de justiça e de amor não presidem firmemente à sua factura, um jornal, embora grite e proclame princípios, não vale a tinta consumida, e o dinheiro que nele se emprega seria imensamente mais abençoado gasto em brita para estradas.

E é precisamente em coisas destas que a nossa imprensa tem sido pobre até à indigência. Nascida em Portugal, por assim dizer, à voz dum frade, que nela, a par dum talento extraordinário, mostrou, na linguagem mais grosseira e baixa, todo o odio, toda a deslealdade e toda a inveja de que a sua alma era capaz, ela tem chegado até nós ainda não inteiramente curada desse aleljão de nascença. Nem todos os talentos afinaram por semelhante diapasão. Lá está Herculano, lá está Martins de Carvalho, lá está Bruno e lá está José Caldas, modelos de lealdade diante dos quais todos temos de nos curvar reverentes, e que já nos ajudariam imenso ainda que só servissem para nos dizer que um grande talento não é incompatível com um grande character. Mas que é isto para as legiões que nos cercam. Cada dia verificamos que anda demasia do esquecida esta verdade solene: que todos os trabalhos que nos saem da pena, desde editorial ao mais insignificante relato, são, primeiro que tudo, notas autobiográficas, - as únicas que nunca mentem. E que coisas pavorosas elas dizem tanta vez

Eis, portanto, a nossa missão, se é que alguma missão temos no jornalismo português: manifestar na arena da imprensa, e desde a primeira à última linha, o character do Mestre a Quem servimos. Não custa nada imaginar a descoberta portentosa de Gutenberg recuada dois milénios o em plena florescência na Palestina ao tempo de Jesus e Jesus servindo-se dela. Não custa nada imaginar também o resto, e seguir para a frente naquelas pisadas. Jornalismo deste não será certamente lido pelo Sr. Dr. Alfredo Pimenta, mas acabou-se.

Talvez algum leitor ainda se recorde que em Setembro de 1923, referindo-nos no falecimento ocorrido pouco antes, do Presidente Norte-Americano Harding, contávamos como no princípio da sua carreira política ele adquirira por trezentos dollars a propriedade do jornalzinho da sua terra, “Marion Star”, e como redigira um “Código de Reportes” para seu próprio uso e dos seus camaradas no mesmo periódico. Deus sabe quanto aquele “Código” nos tem ajudado na factura do “Portugal Evangélico” e nem sequer pedimos desculpa de outra vez aqui estamparmos este trecho que então reproduzimos:

Lembra-te de que toda a questão tem dois lados. Apropria-te bem de ambos.

Se verdadeiro. Apreende os factos. Erros, inexatidões, são invitareis; mas põe todo o teu empenho em seres absolutamente exacto,

Se decente. Sê leal. Sé generoso.

Louva o bem de preferência a denunciares o mal.

Em todas as pessoas há alguma coisa boa. Salienta isso que é bom e nunca, sem necessidade, ofendas os sentimentos de quem quer que seja.

Ao dares o extrato de uma reunião política, apresenta os factos; dize como as coisas se passaram e não como quererias que elas se tivessem passado. Trata todos os partidos com a mesma lealdade. Para fazeres valer as tuas opiniões políticas tens as colunas editoriais.

Não havendo necessidade, evita a ignominia do homem, da mulher ou da criança inocente, pela publicidade de faltar ou infelicidade de uma pessoa de família.

Nunca esperes que te roguem para fazeres o que deves. Mas sobretudo sê limpo, nunca consentindo que seja convertida em tipo nenhuma história ou palavra suja. E meu empenho que “Marion Star” seja de tal forma conduzida, que possa entrar em qualquer lar sem receio de ir ofender a inocência de qualquer criança que lá houver.

Dizíamos então que era esse “Código” a equidade em carne e osso, e duma simplicidade por assim dizer infantil, embora jornalismo deste ninguém em Portugal o soubesse fazer.

Mas devem-no saber os obreiros evangélicos, que sentem ser esse um dos trabalhos a que o Senhor os chamou. Cabe aqui a frase histórica: Se não, não!

Conta-se que certo oficial da Guarda de Napoleão fora acusado dum acto menos honesto. Introduzido à presença do Imperador, não nego delito, mas tentou justificar-se com as circunstâncias particulares da sua vida, e terminou com estas palavras:

- Porque Vossa Majestade sabe: eu preciso de viver!

- Está enganado! - atalhou Bonaparte com severidade. Nada no mundo lhe impõe a obrigação de viver, e muito menos o meu serviço. Mas, enquanto vive, *precisa de viver à altura da missão a que foi chamado.*

Este é o nosso caso.

José A. Fernandes.

Anexo 2 – “Objectivos da Imprensa Evangélica” (Transcrição)

(Excerto do artigo “I Conferência da Imprensa Evangélica”, publicado no *Portugal Evangélico* nº 493-494 de novembro/ dezembro 1961, nas páginas 13 e 14)

“Objectivos da Imprensa Evangélica”

(*excerto do trabalho “A Missão da Imprensa Evangélica Portuguesa” pelo Rev. Ireneu Cunha*)

1º Divulgar a Verdade Evangélica. Levar à grande massa que a ignora, que nos desdenha ou desconhece, ou ainda alimenta preconceitos contra nós, a nossa mensagem que é a de Cristo. Há muitos que gostariam de a conhecer sem se comprometerem. Outros que sempre terão curiosidade em saber e avaliar do que temos para dizer. Há aqui, portanto o aspecto de difusão. E permite acrescentar que considero um jornal o melhor meio para isso. Um jornal tem personalidade, responsabilidade, é alguma coisa séria, legalizada. Como literatura é, pois, o meio ideal. O folheto pode ser muito bom, mas tem aceitação menos espontânea. Eis no jornalismo, pois oportunidades de que ainda não pudemos lançar mão em Portugal com verdadeira eficiência. Não falta quem tenha já reclamado, nem que fosse um semanário, mas daí à realização ainda poderão mediar décadas.

2º Em segundo lugar colocarei a necessidade de se formar uma consciência evangélica ao nível nacional. Temos procurado formá-la à escala denominacional, o que embora necessário e difícil, não basta para as necessidades do nosso meio. Se se conseguisse criar um jornal que pudesse receber a confiança de todos e penetrar em todas as denominações com o beneplácito dos seus dirigentes, que grande passo seria dado para a consciencialização da nossa gente e para séria confrontação com o problema religioso nacional.

A comunidade evangélica vem crescendo, embora lentamente. Tem lançado raízes indigenando-se [*sic*], perdoai o termo, que contudo é o próprio. Tem problemas que é necessário debater e solucionar. Necessita de abrir as suas janelas sobre o mundo que a rodeia, para observar e ser observada. Precisa de dar ao nosso povo ponto de vista cristão reformado sobre os grandes problemas da nação e da humanidade, para impedir ao menos

que os nossos venham a alinhar com aqueles que não estejam em consonância connosco nem com a nossa mensagem.

3º Para tanto a nossa Imprensa terá de ser Imprensa. Isto é, não nos limitarmos a escrever para os da casa, em constante monólogo sem grandes frutos, como aliás se vai fazendo também com tanta pregação. Precisamos de nos debruçar sobre o mundo e sobre o homem. Como jornalistas, ainda que amadores temos de o fazer. Sem isso não haverá jornalismo nem ---imprensa digna desse nome. Muito do que temos feito não passa de imprensa de caserna, boletinesca, introvertida, hermética, até facciosa por vezes. Precisamos de atualidade e vida, interesse, para podermos, ainda que limitadamente, incidir sobre o grande público.

4º Em quarto lugar, direi que a imprensa evangélica, embora pobre e reduzida, deve ser interprete do ideal cristão aplicado à imprensa ou ao cultivo das letras. Deve revelar character, e criar carácter. Provar que o jornalista não necessita de falsear nem mentir, lisonjear nem adular. Enfim, embora pobre e pequena mostrar ao mundo como Deus usa as coisas desprezíveis para confundir as fortes.

5º Deve ainda a imprensa evangélica informar com exactidão fazendo a crónica necessária do ingente esforço da evangelização nacional e da formação da comunidade evangélica. Pôr-nos em sintonia com a Igreja noutras paragens; arejar métodos e rasgar horizontes.

6º Finalmente, deve a nossa imprensa ser um meio de expressão do que melhor tivermos no campo do pensamento, sob qualquer aspecto e não somente no religioso, visto que não vivemos ainda exclusivamente no céu. Portanto revelar e afirmar valores.

Poderíamos dizer mais, mas não estou seguro se evitaríamos cair em redundâncias ao fazê-lo. Parece-me que nos objectivos acima propostos estão resumidas muitas ideias e muito que precisamos discutir, avaliar e realizar, para realmente exercermos um *Apostolado da Imprensa*.

Artigo 3 – “Para o centenário do *Portugal Evangélico*”²⁵ (Transcrição)

(Texto da autoria do Bispo Emérito Ireneu Cunha, antigo diretor e redator do *Portugal Evangélico*, datado de 08 de outubro de 2020 (Cunha, 2020)).)

PARA O CENTENÁRIO DO " PORTUGAL EVANGÉLICO "

Num recente contacto telefónico com o Pastor Eduardo Conde atual responsável pelas "Publicações Metodistas", fui amavelmente convidado a escrever um artigo para um número especial do nosso antigo mensário "Portugal Evangélico", a editar em breve, para recordar a data em que iniciou a sua publicação: 20 de Outubro de 1920!

Será, portanto, uma edição comemorativa do seu centenário, pois foi nessa já distante data que a Igreja Evangélica Metodista Portuguesa iniciou a edição desse seu órgão oficial, que regularmente manteve até anos recentes.

Foi com imensa alegria e prazer que aceitei o convite, embora já não me seja fácil dar-lhe execução (dada a minha idade e estado de saúde), pois ao "Portugal Evangélico" dediquei muitos anos de serviço, perto de 50, como colaborador, Redator e Diretor.

E assim abri um dos preciosos volumes da minha coleção particular dessa amada publicação e pousei meus olhos na primeira página do seu primeiro número, onde sob o título em letras góticas -PORTUGAL EVANGÉLICO - aparecem os nomes de Alfredo Henriques da Silva e José António Fernandes, o primeiro, como Diretor, dada a sua posição de Superintendente Geral da Igreja, e o segundo como Redator, dotado como foi para exercer o jornalismo, faceta relevante do seu ministério. Ambos foram os continuadores portugueses da obra em boa hora iniciada pelo fundador do Metodismo português, Reverendo Roberto H. Moreton, e dele não desmereceram. O Dr. Alfredo da Silva, com a sua distinta figura, mais parecendo um diplomata do que um ministro religioso, era apontado pelo povo como o "Bispo dos Protestantes", e foi um dos mais

²⁵ Texto da autoria do Bispo Emérito Ireneu Cunha, antigo diretor e redator do *Portugal Evangélico*, publicado em 08 de outubro de 2020, na sua página pessoal de acesso público na rede social Facebook (Cunha, 2020). Não publicado noutra fonte ou suporte até janeiro de 2022.

prestigiados dirigentes evangélicos portugueses no país e no estrangeiro; o segundo, o Dr. José Fernandes, mais apagado na figura, foi, contudo, um talentoso poeta e jornalista, que ainda hoje merece ser lido pois da sua pena jorraram preciosos editoriais e poemas.

Nesse primeiro número do "PE" ambos subscrevem preciosos artigos de sua autoria, apresentando as razões do título e as diretrizes editoriais. Tudo estava, e é óbvio, concentradamente resumido no próprio título: contribuir para fazer do Portugal amargurado desse tempo um país onde as virtudes do Evangelho de Jesus Cristo fossem mais conhecidas e praticadas. O sonho não era apenas deles, mas partilhado em comum por um conjunto de líderes protestantes que nesse tempo colaboravam facilmente uns com os outros, independentemente das filiações denominacionais. Portugal acabara de sair de um tempo duro, em que participou na I Guerra Mundial, na qual perdera a vida muita da sua juventude (o 9 de Abril!).

O povo vivia pobremente, com a maioria privada de pão para o corpo e para o espírito. A situação, política e económica, era desesperante, com as constantes mudanças de governos, sem solução para os problemas, que pareciam eternizar-se.

O "Portugal Evangélico" queria ser o instrumento impresso protestante da renovação e restauração ansiadas, e como tal se apresentava, como podemos ler no editorial de Alfredo da Silva (cito): "Anunciar este remédio seguro e eficaz (o Evangelho), que conhecemos por gloriosa experiência, pareceu-nos um dever cristão e patriótico. Para o cumprir é que encetamos a campanha especial de que este jornal faz parte, e que tem por fim promover a regeneração da Pátria e criar um Portugal novo, progressivo e tolerante, instruído e trabalhador, generoso e bom, que honre o nome glorioso do Portugal antigo e que acompanhe de perto as demais nações na reconstrução de um mundo melhor."

Passaram alguns anos. Veio o Estado Novo. José Fernandes foi chamado ao descanso eterno, e mais tarde Alfredo da Silva, gasto pela idade e pelo muito trabalho, seguiu-o. Aconteceu a II Guerra Mundial, que deixou a Europa arrasada. E o "Portugal Evangélico", com mais modestos instrumentos, foi cumprindo a sua ambiciosa missão. A partir de 1956 o Sínodo confiou-me essa pesada herança, e lá a fui tentando desempenhar ao longo de décadas, até 2004, quando renunciei a este trabalho. Nele deixei exarados o que de melhor sabia e podia transmitir pela escrita, em editoriais, colunas de opinião, comentários,

poesias e notícias. Não posso ser eu o avaliador desse trabalho, outros porventura o farão no futuro se ainda houver quem se interesse pelas escritas do passado. Deixo-vos, contudo, um desafio, que espero venha um dia a ser atendido: pegai numa coleção do "PE", lede, examinai, avaliai tudo o que nessas páginas foi registado desde o seu início, e tirai a conclusão: este é ou não é um dos mais valiosos legados que a Igreja Metodista fez ao evangelismo no nosso amado Portugal?

Ao longo dos seus quase 100 anos de publicação ininterrupta quantas vidas terão sido por ele tocadas e orientadas para Cristo?

Só Deus o sabe e é um segredo está bem entregue!